



MESTRADO INTEGRADO
PSICOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES, SOCIAL E DO TRABALHO

Entre a Universidade e a Indústria do sexo: estudo exploratório com universitários no trabalho sexual

Fábio Leonel Couto dos Santos

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Entre a Universidade e a Indústria do Sexo: estudo exploratório com universitários no trabalho sexual

Fábio Leonel Couto dos Santos

Junho, 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Alexandra Oliveira (FPCEUP)*

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultado do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor.

“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez.”

(Jean Cocteau)

Agradecimentos

Uma história precisa muito mais do que um personagem principal. Por vezes, são os secundários que fazem o leitor apaixonar-se. Assim, nesta página, e como não poderia deixar de ser, permanecem os agradecimentos a todos aqueles que foram pilares e me ajudaram a construir esta narrativa:

Em primeiro, aos meus pais. Por serem a minha definição de amor. Pela educação que me deram e por estarem SEMPRE presentes, mesmo com todas as dificuldades.

À professora Doutora Alexandra Oliveira, por todo o apoio. Por ser ombro amigo nos momentos de angústia e por me orientar no sentido de procurar mais e melhor.

A todos os/as participantes deste estudo. Pelo que representam e por terem partilhado comigo as suas histórias de vida. Por serem um exemplo e manterem aguçada a minha motivação sobre o tema da indústria do sexo.

À Catarina, à Francisca e ao Pedro, por serem os melhores amigos do mundo. Por serem o meu trevo de quatro folhas, os meus exemplos e a família que escolhi.

Às poderosas de verdade, pela amizade construída ao longo destes 7 anos. Por me demonstrarem o que significa amizade. Por todas as boas memórias que já criamos e as que ainda temos por criar.

À Ana, por ter sido a maior constante na faculdade. Por ter partilhado comigo a melhor experiência da minha vida, mas sobretudo por ser a amiga de todos os segundos.

À Sara por ser a minha âncora e me manter seguro em todos os momentos de incerteza, à Filipa por ser “tão same, sempre igual” e querer sempre o melhor de mim e à Vivi, por me mostrar que “muito mais é o que nos une, do que aquilo que nos separa”.

Aos amigos maravilhosos que criei na faculdade. Por serem de referência.

Ao meu bonde pesadão, por me encherem o coração. Pelo acompanhamento constante. Pela amizade, dedicação e orgulho.

E, por fim, a todos os outros que foram seguidos de vírgulas, pontos finais e de interrogação e que, da sua forma mais ou menos presente, fizeram a narrativa ganhar um rumo. Também a esses o meu sincero agradecimento, pois sem eles a história não teria as mesmas cores.

Resumo

Os/as estudantes parecem recorrer cada vez mais ao trabalho sexual por diferentes motivos, o que acarreta diversos desafios. Assim, até pela escassez de investigação, é essencial estudar esta população e as suas vivências.

Este estudo tem como objetivo explorar e descrever a realidade dos estudantes que fazem trabalho sexual. Especificamente, procura-se (1) caracterizar demograficamente esta população, (2) explorar as motivações de entrada e permanência no trabalho sexual e (3) perceber quais e como são geridos os fatores de stresse associados à vivência. Procuramos também (4) compreender se partilham esta informação com outras pessoas e (5) quais os significados que são atribuídos ao facto de realizarem trabalho sexual.

Para atingir os nossos objetivos, adotamos uma metodologia qualitativa e conduzimos entrevistas semiestruturadas a sete estudantes universitários que fazem trabalho sexual. Também analisamos informação disponibilizada em vinte e quatro anúncios de sexo comercial. Para efetuar as análises tanto das entrevistas, como dos anúncios, recorreremos à análise de conteúdo de tipo categorial.

Os resultados indicam que os estudantes que fazem trabalho sexual apresentam características muito heterogéneas, mas realidades bastante semelhantes. As motivações para iniciar este trabalho estão relacionadas com fatores económicos, mas também com características pessoais. Para além disso, esta realidade é caracterizada por diversos fatores de stresse, que são provenientes de ser estudante, de ser trabalhador do sexo e também de realizar ambas as atividades em simultâneo. Ao nível da partilha da informação com os amigos e família, os estudantes partilham esta informação com amigos, mas escondem dos familiares, pelo medo que têm de ser incompreendidos, de quebrar relações e numa tentativa de evitar conflitos. Por fim, os estudantes apresentam vários significados face à realidade que experienciam.

Assim, este estudo permitiu-nos conhecer um pouco da realidade dos estudantes universitários que fazem trabalho sexual, bem como perceber as implicações que estas duas atividades em simultâneo têm na saúde psicológica destes estudantes. Esperamos que este estudo exploratório venha a impulsionar futuras investigações e intervenções com esta população.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho sexual, estudantes universitários, prostituição, stresse, estigma

Abstract

Students are recurring to the sex industry for many reasons and that accounts many challenges to their lives. Since there has been little research on the phenomenon, it seems essential to study this population and its reality.

The present study aims to explore and describe the reality of students that do sex work. Specifically, we want to (1) demographically characterize this population, (2) explore what motivates them to start, and keep, doing it, (3) understand what are the stress factors inherent to being a student, being a sex worker, and doing both activities at the same time, as well as understand how this population cope with that stress. We also want to (4) understand if this population share information with others, and (5) understand what are the meanings that are given to this experience.

To reach our goals, we adopted a qualitative methodology and we conducted semi-structured interviews to seven university students who were enrolled in the sex industry. We also analysed information from twenty-four commercial sex announcements. For the analysis of either the interviews and the announcements, we used content analysis.

Data shows that students who do sex work have different characteristics but have a lot in common when it comes to their realities. The motives that make them start doing sex work seem related with economic factors, but also with their own characteristics. Besides that, this reality has stress factors inherent to it, that come from being a student, being a sex worker, and doing both things at the same time. About sharing information with friends and family, we concluded that students only do that with friends and hide it from their families, because they are afraid of being misunderstood, breaking relations, as well as they try to avoid conflicts. Lastly, students seem to have different meanings about the reality they live, as well as different perspectives about their future.

This study allowed us not only to understand better the reality of students who do sex work, but also to perceive the implications that doing both activities at the same time have on their psychological health. We also look forward to boost investigations and interventions about this phenomenon.

KEY-WORDS: sex work, university students, prostitution, stress, stigma

Résumé

Les étudiants semblent de plus en plus se tourner vers le travail sexuel pour divers motifs et cette décision entraîne plusieurs défis. Ainsi, il est essentiel attribuer le protagonisme à cette population et étudier les réalités qu'ils vivent.

Cette étude vise explorer et décrire la réalité des étudiants qui s'engagent dans le travail sexuel. Plus précisément, (1) chercher une caractérisation démographique de cette population, (2) explorer les facteurs qui motivent l'entrée et rester dans le travail sexuel, (3) percevoir quels sont et comment sont gérés les facteurs de stress à chacune des activités, ainsi que ceux résultant de l'exécution simultanée d'activités. Nous cherchons aussi (4) comprendre comment est faite le partage et (5) comprendre les significations qui sont attribuées à cette expérience. Pour cela, a été utilisé une méthodologie qualitative, utilisant des entretiens semi-structurés pour 7 participants, comme technique de collecte des données, ainsi la collecte de l'information de 24 annonces publiées.

Les données recueillies nous ont permis de conclure que, bien que les étudiants qui font du travail sexuel aient des caractéristiques hétérogènes, les réalités qu'ils vivent sont très similaires. Premièrement, les motivations pour commencer le travail sexuel semblent être liées à des facteurs économiques, mais aussi à des caractéristiques de la propre population. De plus, les données indiquent que l'expérience de cette réalité est caractérisée par divers facteurs de stress. Au niveau du partage de l'information avec les amis et famille, les données indiquent que les étudiants partagent cette information avec ses amis, mais cachent de sa famille, à cause de la peur de l'incompréhension et de la perdre leurs relations, ainsi qu'une tentative d'éviter conflits. Enfin, les étudiants présentent des différentes significations à leurs réalités bien que plusieurs perspectives face au futur.

Cette étude nous a permis non seulement de mieux comprendre la réalité des étudiants qui font du travail sexuel, mais aussi de percevoir les implications que cette réalité a sur leur santé psychologique. Nous voulons stimuler des futures recherches et interventions.

MOTS-CLÉS: Travail sexuel, étudiant universitaire, prostitution, stress, stigmatisation

ÍNDICE

Introdução	1
1.Enquadramento teórico.....	3
1.1.Da prostituição ao trabalho sexual: o conceito e a legislação portuguesa.....	3
1.2.Trabalhadores/as do sexo: um grupo estigmatizado e vitimizado	6
1.3.A saúde psicológica dos/as trabalhadores/as do sexo.....	8
1.4.Os estudantes que fazem trabalho sexual e as suas motivações	9
2. Estudo Empírico	13
2.1. Objetivos e questões de investigação	13
2.2. Método.....	13
2.2.1. Amostra: Participantes e outras fontes de informação	14
2.2.2. Instrumentos e forma de recolha de dados	15
2.2.3. Procedimentos de recolha de dados.....	16
2.2.4. Tratamento dos Dados: análise de conteúdo de tipo categorial.....	17
3.Apresentação e discussão dos resultados	18
3.1. Caraterísticas dos estudantes universitários que fazem trabalho sexual.....	18
3.2. Motivações para iniciar e continuar o trabalho sexual	19
3.3.Fatores de stresse em ser estudante universitário e estar no comércio do sexo....	24
3.4.A partilha da experiência e influencia nas relações interpessoais	27
3.5.Significados atribuídos ao trabalho sexual e perspetivas face ao futuro	31
4.Conclusão e Reflexões Finais.....	34
Referências Bibliográficas.....	38
Anexos.....	44

Introdução

O trabalho sexual consiste na troca de um serviço de cariz sexual ou erótico entre uma pessoa que deliberadamente o oferece e uma pessoa que o requisita, podendo, para isto, existir uma qualquer forma de pagamento (Oliveira, 2011). Como qualquer atividade laboral, o trabalho sexual tem as suas vantagens e desvantagens, bem como implicações físicas e psicológicas na vida do indivíduo, pelo que é necessário que estas sejam alvo de investigação. A literatura ao nível da saúde psicológica dos/as trabalhadores/as do sexo tem sido escassa (Teixeira & Oliveira, 2017), sendo o foco das investigações maioritariamente concentrado nas implicações físicas do trabalho sexual e não nas alterações que o mesmo pode provocar no bem-estar psicológico da pessoa.

Ainda mais, o trabalho sexual é frequentemente alvo de elevado estigma, o que leva a que os/as trabalhadores/as do sexo não vivam na plenitude os seus direitos, especialmente ao nível laboral (Oliveira, 2008). Este estigma conduz também a que os/as trabalhadores/as do sexo procurem, muitas vezes, omitir informação sobre as suas vidas e se vejam condicionados pela quantidade de informação que podem partilhar e pelas pessoas a quem podem recorrer quando necessitam.

Algumas investigações têm indicado que é cada vez maior o número de estudantes universitários que recorrem à indústria do sexo (Betzer, Köhler, & Schlemm, 2015). Quando se é simultaneamente trabalhador/a do sexo e estudante universitário/a, os aspetos negativos do trabalho sexual, nomeadamente o impacto ao nível psicológico, o stresse ou o estigma, podem sentir-se de forma bastante acentuada e apontar para a necessidade de intervenção.

Assim, a partir da revisão da literatura efetuada, e sendo praticamente inexistente a investigação sobre o tema em Portugal – identificamos apenas um estudo (Arantes, 2013) - pareceu-nos importante levar a cabo este trabalho. Um dos seus objetivos será, então, conhecer os estudantes universitários que estão na indústria do sexo através das suas características sociodemográficas. Além disso, procuraremos compreender quais são os motivos que os/as levam a iniciar o trabalho sexual e, em muitos casos, a permanecer na indústria, após algum tempo. Outro dos nossos objetivos será compreender os fatores de stresse associados ao facto de se ser estudante universitário/a, de se ser trabalhador/a do sexo e de realizar ambas as atividades em simultâneo, pois isto vai permitir compreender as implicações psicológicas que isso terá na vida destes/as estudantes e

conhecer as estratégias que usam para gerir esse stress. Por fim, pretendemos perceber se os/as estudantes que estão no sexo comercial partilham com outros significativos a informação sobre serem estudantes e concomitantemente estarem na indústria do sexo, bem como perceber quais os significados que atribuem às suas vivências.

A importância deste estudo surge, assim, da necessidade de se conhecer uma população que até agora tem sido pouco investigada, quer a nível nacional, quer internacional (embora internacionalmente se conheçam alguns estudos que referiremos, à frente, nesta dissertação). Mais ainda, julgamos ser importante abordar questões relacionadas com a saúde psicológica de quem faz trabalho sexual, contrariando assim a escassez de informação ao nível das consequências no bem-estar do indivíduo. Para além disso, ao mostrarmos que existe uma realidade entre a universidade e a indústria do sexo, estamos a desocultar ligações entre uma atividade muito valorizada (ser estudante universitário/a) e outra altamente marginalizada (ser trabalhador/a do sexo), o que talvez seja um contributo para ajudar a mitigar a conotação negativa do trabalho sexual.

Tendo em conta tudo isto, o presente estudo é composto por quatro capítulos. O primeiro capítulo contempla a literatura considerada adequada para compreender este cruzamento entre o trabalho sexual e a indústria do sexo: (1) O conceito de trabalho sexual e a legislação portuguesa sobre a prostituição; (2) a vitimização e estigmatização dos/das trabalhadores/as do sexo; (3) a saúde psicológica de quem faz trabalho sexual; e (4) as motivações de estudantes universitários/as que comercializam o sexo. No segundo capítulo, avançaremos com a apresentação do método utilizado nesta investigação, incluindo os participantes, os instrumentos e os procedimentos de recolha e tratamento dos dados. No terceiro capítulo é apresentada a discussão dos dados, que se encontra articulada com a revisão da literatura. Por fim, com o último capítulo, procuramos realizar uma discussão geral sobre os dados que obtivemos com o nosso estudo e refletir sobre as suas potencialidades e limitações, bem como apresentar sugestões para estudos futuros.

1. Enquadramento teórico

1.1. Da prostituição ao trabalho sexual: o conceito e a legislação portuguesa

Ainda que em Portugal a diversidade de estudos realizados sobre a temática da prostituição seja reduzida, é possível verificar uma evolução do conceito tendo em conta o trabalho realizado por Oliveira (2002). A autora sugere que “em diferentes enquadramentos históricos, culturais e sociais, a prostituição revela contornos e significados diversos” (p.7), o que torna pertinente uma análise das alterações deste conceito. Tomemos como exemplo Cruz (1984 *cit in* Oliveira, 2002), que ao ser pioneiro na investigação desta área, em Portugal, dá aquela que pode ser considerada a primeira definição de “prostituta”. Este autor definia prostitutas como “aquelas que fazem mal publicamente do seu corpo ganhando dinheiro e que o fazem constantemente a quem quer que for” (Cruz, 1984 *cit in* Oliveira, 2002, p. 49/50). Esta definição não fazia qualquer referência ao facto de a prostituição poder ser realizada noutra contexto que não a rua, excluindo também outras formas de trabalho sexual, bem como outros protagonistas que não fossem identificados com o género feminino. Para além disso, o próprio juízo de valor que a definição comporta (“fazer mal publicamente do seu corpo”), coloca uma conotação pejorativa no ato de realizar esta forma de trabalho. Atualmente, as definições procuram ser mais abrangentes, no que diz respeito às formas de atuação e aos contextos em que é realizada, bem como aos próprios atores. Um exemplo ilustrativo corresponde à definição de Harcourt e Donovan (2005), que defendem que a prostituição caracteriza a pessoa, independentemente do género, que oferece um serviço sexual em troca de algum tipo de pagamento, incluindo dinheiro, bebida, drogas ou outros bens de consumo. Os mesmos autores referem também que o tipo de serviços prestados pode variar desde exposições eróticas sem contacto físico com o/a cliente, até interações sexuais desprotegidas e de alto risco de contração de doenças, com vários/as clientes. Pela definição apresentada, parece adequado referir que a prostituição é apenas uma das formas de atuação que se pode incluir naquilo que é conhecido como “trabalho sexual”. Oliveira (2011) define este conceito como uma troca comercial onde, de forma consentida, uma pessoa adulta presta serviços de cariz sexual ou erótico a alguém que pretenda usufruir dos mesmos a troco de um pagamento. Para além disso, acrescenta que estes serviços podem ser realizados em diferentes contextos e de várias formas – incluindo os/as prostitutas/as de rua ou de apartamento, acompanhantes de luxo, *call girls*, *strip teasers*, alternadeiras, operadores/as de linhas

eróticas, massagistas eróticos, dominadores/as, atrizes e atores de filmes pornográficos, bem como modelos eróticos. A modificação do conceito e as suas mais recentes definições parecem estar associadas a uma necessidade de inclusão de diversos aspetos. Por um lado, ao nível das características dos/as trabalhadores/as, o que permite integrar diversos tipos de pessoas e identidades de género. Por outro lado, ao nível da inclusão de outro tipo de atividades, que parecem emergir e ser cada vez mais distantes da ideia de que o trabalho sexual se refere unicamente à prostituição de rua.

Assim sendo, o conceito de prostituição, que anteriormente se centrava nas mulheres, parece ter caído em desuso, sendo substituído pelo conceito de “trabalho sexual”. À luz das definições apresentadas (*e.g.*, Harcourt & Donovan, 2005; Oliveira, 2011) considera-se o trabalho sexual como a comercialização de um serviço de cariz sexual ou erótico. Esta atividade é praticada entre uma pessoa que, deliberada e conscientemente, oferece o serviço e uma pessoa que requisita o mesmo, podendo ser realizada em contextos distintos, por pessoas com diferentes identidades de género e utilizando diversas formas de pagamento.

De acordo com Graça e Gonçalves (2016), a prática do trabalho sexual foi sendo encarada de diferentes maneiras, dependendo sempre do contexto social, político e moral em que se encontrava inserida. Estas autoras referem ainda que “a leitura dessa prática como algo aceite, tolerável, suscetível de vigilância/controlado ou como alvo de punição jurídica e/ou social depende da influência de discursos patriarcais, judaico-cristãos, moralistas, higienistas, de despenalização, entre outros, conforme seja útil ou não para o regime político vigente” (p.449). Assim, com base nos diferentes contextos políticos que Portugal foi vivendo, a forma como a prostituição era encarada foi sendo modificada, dando origem a diferentes períodos legislativos. De acordo com Oliveira (2002), existem quatro períodos legislativos relativamente à prostituição em Portugal: legislação avulsa ou pré-regulamentarismo, regulamentarismo, proibicionismo e abolicionismo.

O período pré-regulamentarista é identificado até 1853, sendo caracterizado por diversas ações legislativas avulsas contra o exercício da prostituição ou as pessoas que o praticavam, o que, segundo vários autores (*e.g.*, Alberto, 2012; Oliveira, 2002), conduziu a uma visão discriminatória da prostituição. Com o segundo período, o regulamentarismo, procurou-se “garantir o controlo estrito das mulheres por parte das autoridades” (Alberto, 2012, p. 22), criando regulamentos que procuravam salvaguardar a saúde da população em geral. O terceiro período, que teve início no dia 1 de janeiro de

1963, caracteriza-se pela proibição do exercício da prostituição, o que agravou as condições de vida e de trabalho das prostitutas, na medida em que as mesmas passaram a não se encontrar protegidas face a diversos perigos como assaltos, agressões ou perseguições policiais (Oliveira, 2002).

O período abolicionista, no qual o exercício da prostituição se torna descriminalizado, mas o lenocínio se mantém como crime no Código Penal, inicia-se a 1 de janeiro de 1983. Este sistema deixa de ver a prostituição como prática sancionável a nível jurídico-penal, o que significa que o exercício da prostituição deixa de ser punido, continuando, de qualquer forma, a ser punido qualquer comportamento que fomenta, favoreça ou facilite atos de prostituição (Alberto, 2012). Assim vigora, atualmente, em Portugal, o crime de lenocínio, podendo este ser diferenciado em dois tipos – simples ou qualificado. O primeiro, de acordo com a sua redação atual, é aplicado com pena de prisão de seis meses a cinco anos a “todos aqueles que, profissionalmente ou com intenção lucrativa, procuram fomentar, favorecer ou facilitar o exercício da prostituição por outra pessoa ou a prática de atos sexuais de relevo” (Art.º 169º, n.º 1, alínea a) do Código Penal Português). Já o crime de lenocínio qualificado representa a agravação da conduta e da culpa do agente, na medida em que, à redação anteriormente apresentada, acrescenta que o sujeito interessado em fomentar, favorecer ou facilitar o exercício da prostituição, recorre ao uso da violência ou ameaça grave, através do abuso da autoridade ou da incapacidade e vulnerabilidade da vítima (Alberto, 2012).

Assim, é possível perceber que já alguns progressos foram realizados em Portugal no que diz respeito à visão legal do trabalho sexual. Contudo, esta evolução não parece estar totalmente refletida ao nível social, devido à estigmatização a que estão sujeitas as pessoas que o praticam. Ainda que legalmente não sejam alvo de penalização, quem presta serviços sexuais comerciais parece ser vítima de desaprovação, o que acaba por contribuir para a sua exclusão social e falta de reconhecimento laboral. Isto impede, por exemplo, o estabelecimento de contratos de trabalho, o que não permite que as pessoas usufruam dos direitos laborais, tais como a baixa médica, o direito a férias pagas ou a higiene e segurança no trabalho.

É importante referir também que, a nível europeu, as políticas referentes ao trabalho sexual são diversas e vão variando, não existindo uma política comum, o que leva diferentes países a adotarem posturas distintas (Hubbard, Matthews, & Scoular, 2008). Estas diferentes políticas, de acordo com Crowhurst, Outshoor e Skilbrei (2012)

parecem apresentar contradições na forma como o trabalho sexual é abordado, pois surgem da percepção distorcida sobre as pessoas envolvidas na indústria do sexo – geralmente com uma conotação criminosa ou de vítima. Segundo estas autoras, outro fator que contribui para as contradições na forma como o trabalho sexual é encarado é o facto de, muitas vezes, não ser dada voz aos/às protagonistas, excluindo, assim, por completo, as suas perspetivas para a formulação das políticas sobre o trabalho sexual. Isto parece sugerir que têm sido traçados percursos para que sejam abertas discussões relativamente às políticas apresentadas por cada país, ainda que sejam excluídas as percepções e sentimentos das pessoas envolvidas na indústria do sexo, algo que deve ser mudado pois elas são quem melhor pode expor a realidade na qual estão inseridas.

1.2.Trabalhadores/as do sexo: um grupo estigmatizado e vitimizado

A estigmatização e o preconceito contra os/as trabalhadores/as do sexo têm sido largamente documentados na literatura científica (*e.g.*, Oliveira, 2004, 2011; Vanwesenbeeck, 2001, 2005). Estigmatizar corresponde ao ato de desumanizar alguém, devido a conjeções previamente estabelecidas sobre essa pessoa, conferindo-lhe atributos profundamente depreciativos (Goffman, 1963). Desta forma, este ato de desumanizar, como referem Villela e Monteiro (2015), compromete o exercício da cidadania e a liberdade de usufruir dos direitos, em particular o direito à saúde. De acordo com Oliveira (2004), a estigmatização dos/das trabalhadores/as do sexo é algo ainda bastante presente. Esta autora refere que a forma como esta população é excluída parece apresentar-se em diversos níveis – ao nível da segurança social e do sistema fiscal; da privação do direito pleno de serem mães ou pais; da condenação moral e da rápida associação à contração de infeções sexualmente transmissíveis, bem como ao uso de drogas e ao estatuto de toxicod dependente, que remetem para uma discriminação social, atribuindo aos/às trabalhadores/as do sexo conotações pejorativas. Estes/as trabalhadores/as são apresentados/as como exemplos de pessoas desonestas, imorais e sem respeito por si e pelas outras pessoas, o que torna o abandono deste tipo de atividade bastante complicado, mesmo quando existe esse desejo (Weiner, 1996).

Este rótulo negativo que existe sobre os/as trabalhadores/as do sexo é percebido pelas outras pessoas e também pelos/as próprios/as trabalhadores/as. Esta visão negativa de si mesmos pode condicionar o exercício da sua liberdade, na medida em que parece poder levar os/as trabalhadores/as a tomarem ações que não consideram tão benéficas para si, como, por exemplo, a fraca adesão a consultas de saúde. A este rótulo

acrescentam-se a suscetibilidade à violência física e psicológica, bem como o reduzido bem-estar como consequências da estigmatização (Nahra, 2005). De acordo com Kurtz, Surratt, Kiley e Inciardi (2005), os/as trabalhadores/as do sexo parecem reportar diversas formas de violência, nomeadamente o elevado risco de roubo, violação e outras formas de violência física. Este comportamento parece ser maioritariamente proveniente dos/as seus/as próprios/as clientes (Church, Henderson, Barnard, & Hart, 2001), existindo diferenças de acordo com os tipos de trabalho sexual realizado. Os autores exemplificam a diferença entre as prostitutas de interior e as prostitutas de rua, sendo que as últimas reportam mais frequentemente casos em que foram vítimas de bofetadas, socos ou pontapés e as primeiras reportam mais casos em que sofreram (tentativas de) violação. Num estudo realizado por Oliveira (2004) obteve-se uma taxa de vitimização de 80,5%, sendo que o tipo de violência mais referida foi a violência verbal (87,9%), seguida das agressões físicas (75,8%), das quais se toma de exemplo ser batida, esmurrada, pontapeada ou atirada ao chão, seguidas pelos roubos (60,6%) e pela violência sexual (45,5%). Estas percentagens obtidas foram semelhantes às conseguidas em outros estudos realizados (*e.g.*, Church et al, 2001), o que nos permite verificar uma realidade internacional ao nível da vitimização e agressão face aos/às trabalhadores/as do sexo. Uma vez que o trabalho sexual é considerado imoral, a violência com os/as trabalhadores/as se deparam pode acabar por ser desvalorizada. Desta forma, isto pode conduzir a que comportamentos agressivos para com esta população sejam justificados, o que demonstra a necessidade de mais intervenção junto da mesma e especialmente junto da sociedade para reduzir não só os estigmas existentes face ao trabalho sexual, mas também a violência para com os seus agentes.

Para além da violência física, os/as trabalhadores/as do sexo são vítimas de exclusão social, pois não veem todos os seus direitos vividos na plenitude, resultante do não reconhecimento da sua atividade como profissão (Oliveira, 2008) Assim, é importante conhecer as características e realidades desta população, para posteriormente intervir no sentido da diminuição desta exclusão. É esperado que este conhecimento possa contribuir para que a sociedade identifique o trabalho sexual como profissão e reconheça as pessoas que o realizam como membros de pleno direito da cidadania, que não devem ser marginalizados. Mais ainda, esperar-se-ia que os casos e os efeitos da violência física e psicológica reduzissem e que o bem-estar físico e psicológico dos/das trabalhadores/as do sexo, conseqüentemente, aumentasse.

1.3.A saúde psicológica dos/as trabalhadores/as do sexo

Os estudos sobre a indústria do sexo têm sido muito desenvolvidos ao nível dos fatores que parecem influenciar a saúde física dos/as seus/suas trabalhadores/as, como, por exemplo, a violência física, o consumo de substâncias ilícitas ou as infeções sexualmente transmissíveis. Contudo, apesar de existir uma reduzida quantidade de estudos sobre a saúde psicológica dos/das trabalhadores/as do sexo e dos fatores que para ela contribuem (Jackson, Bennett, & Sowinski, 2007; Teixeira & Oliveira, 2017), alguns autores já têm realizado estudos sobre as consequências emocionais e psicológicas dos indivíduos que estão nesta indústria. É possível, assim, perceber que existe uma grande variedade de problemas psicológicos associados, como a depressão, a esquizofrenia ou tendências suicidas (Flowers, 2005), que podem ser explicados por diversos fatores de stresse. Estes fatores devem ser explorados pois conduzem a consequências emocionais e psicológicas, que não desaparecem quando o/a trabalhador/a abandona a sua atividade laboral (Sanders, 2004). Isto parece sugerir que é necessário ter em conta também estas consequências, bem como os fatores de stresse que contribuem para o mal-estar psicológico, de forma a que se possa atuar no sentido de melhorar não só o bem-estar físico, mas também o bem-estar psicológico dos/das trabalhadores/as do sexo.

Numa primeira análise, os fatores que parecem ter um papel mais preponderante na explicação das doenças psicológicas e no reduzido bem-estar dos/as trabalhadores/as do sexo são o estigma social, resultante da natureza (imoral) do trabalho praticado (Abel, 2011; Ross, Crisp, Månsson, & Hawkes, 2011; Vanwesenbeeck, 2005; Yi et al., 2012), experiências com violência sexual e física, quer a nível privado, quer a nível profissional (Duff et al., 2017; Kidd & Kral, 2002; Sherwood et al., 2015; Suresh, Furr, & Srikrishnan, 2009; Vanwesenbeeck, 2005;), experiências traumáticas na infância (Puri, Shannon, Nguyen, & Goldenberg, 2017; Vanwesenbeeck, 2005) e o consumo de substâncias ilícitas (Duff et al., 2017; Vanwesenbeeck, 2005). Decorrente do estigma social existente face ao trabalho desenvolvido, parece surgir também como fator de stresse a falta de uma rede de suporte, proveniente de relações com outros/as trabalhadores/as do sexo, de relações de intimidade e familiares ou da proteção social e legal (Jackson, Bennet, & Sowinski, 2007; Rössler et al., 2010; Vanwesenbeeck, 2005; Zhang et al., 2015). Para além disto, fatores como as reduzidas condições de trabalho (Duff et al., 2017; Puri et al., 2017), pertencer a minorias sexuais ou de género (Puri et al., 2017), a necessidade de recorrer à indústria do sexo devido à pobreza, que acarreta

consigo fatores como a falta de esperança e a insegurança (Patel & Kleinmann, 2003), bem como fatores individuais, como a idade e a escolaridade (Duff et al., 2017), a falta de aceitação pessoal (Krumrei-Mancuso, 2016) e o medo constante de serem descobertos/as (Jackson et al., 2007) são também apontados como responsáveis pelo mal-estar psicológico dos/as trabalhadores/as do sexo.

Os/as trabalhadores/as do sexo procuram encontrar estratégias de *coping*, que lhes permitam reduzir o impacto que a estigmatização e a discriminação tem nas suas vidas e, conseqüentemente, no seu bem-estar psicológico (Abel, 2011; Vanwesenbeeck, 2001). Uma das estratégias que tem vindo a ser descrita passa por construir e desempenhar diferentes papéis, de acordo com a esfera privada ou a esfera profissional, mantendo uma distância entre contextos, com o objetivo de se protegerem face ao estigma e face aos riscos emocionais deste trabalho (Abel, 2011; Browne & Minichiello, 1995). Outra estratégia utilizada pelos/as trabalhadores/as do sexo para reduzir o impacto que o estigma tem nas suas vidas consiste em ocultar o trabalho que desempenham (Oliveira, 2018). Assim, os/as trabalhadores/as do sexo procuram omitir esse aspeto da sua vida, protegendo-se não só de toda a discriminação que pode surgir, mas também protegendo da rejeição social todas as pessoas com quem se relacionam e se preocupam.

É importante ter em consideração também que cada pessoa é responsável pelas estratégias de *coping* que utiliza para gerir os aspetos que mais lhe trazem desconforto em trabalhar nesta indústria. De tal forma, podem existir pessoas que se sentem mais confortáveis e realizadas, assim como podem existir pessoas que se sentem menos felizes com esta experiência. O que parece mais importante é reforçar a necessidade de se realizarem mais estudos no âmbito da saúde psicológica dos/das trabalhadores/as do sexo, para posteriormente poderem ser tomadas medidas para melhorar a qualidade de vida dos/as mesmos/as.

1.4. Os estudantes que fazem trabalho sexual e as suas motivações

De acordo com o British Council (2012), prevê-se que o volume de estudantes inscritos no ensino superior aumente até 2020. Assim, uma das preocupações que parece surgir aos/às estudantes está relacionada com os valores das propinas e de custos associados à frequência universitária. Estes custos têm vindo a aumentar (Lantz, 2005; Roberts, Bergström, & La Rooy, 2007; Roberts, Jones, & Sanders, 2013), o que faz com que os/as estudantes procurem diferentes formas de satisfazer as necessidades

económicas com as quais se deparam. Associada a estas necessidades económicas também está a quantidade de tempo de estudo que os/as estudantes necessitam e que é alvo da sua preocupação. Assim, procuram a forma que mais rapidamente lhes possa conferir dinheiro e que lhes permita dedicar uma maior quantidade de tempo às atividades letivas (Moffatt & Peters, 2004). Neste seguimento, os montantes obtidos com o trabalho sexual e o tempo despendido nesta atividade, por comparação com outros tipos de atividades laborais, parecem ser mais apelativos (Moffatt, & Peters, 2004; Sagar, Jones, Symons, Tyrie, & Roberts, 2016).

Estudos realizados no Reino Unido por Roberts e colaboradores (2007) demonstraram que existem cada vez mais estudantes a trabalhar, seja em *part-time*, seja em *full-time*, para conseguir fazer face às suas despesas económicas, acabando por recorrer à indústria do sexo, pelo balanço positivo entre o valor auferido e o tempo despendido, em comparação com outras atividades laborais. A entrada de estudantes nesta indústria, independentemente do tipo de atividade, tem-se tornado um fenómeno sobre o qual tem sido feita alguma investigação científica internacional (*e.g.*, Betzer, Köhler, & Schlemm, 2015; Roberts et al., 2010). Vários estudos apontam para que a generalidade de estudantes do ensino superior tenha cada vez mais conhecimento sobre os/as estudantes que comercializam o sexo – de 3.4%, em 1999 (Roberts, Golding, Towell, Reid, & Woodford, 2000) para 10.5%, em 2006 (Roberts et al., 2007), para 25.7%, em 2009 (Roberts et al., 2010) e para 30%, em 2012 (Robert set al., 2013), o que demonstra que a sociedade está cada vez mais consciente deste fenómeno. Como refere Arantes (2013), existem diversos países que reportam a presença de estudantes universitários/as nesta indústria, dos quais são exemplos os E.U.A, o Reino Unido, a França, a China, as Filipinas, a Rússia, a Ucrânia, a Índia, o Canada, a Irlanda, a Suíça, a Argentina e a Nova-Zelândia. Este facto permite concluir que este fenómeno toma dimensões globais, o que indica a pertinência do seu estudo e da discussão de políticas para salvaguardar o bem-estar desta população.

Ainda que o fator económico seja de elevado relevo para compreender a motivação dos/das estudantes para entrarem na indústria do sexo, existem outros fatores que contribuem para tal. A flexibilidade de horários, a autonomia, a independência, bem como a aquisição de bens de luxo que o trabalho lhes permite obter - como telemóveis, roupas e/ou acessórios - parecem ser outros dos fatores apresentados como motivações e benefícios para trabalhar nesta indústria (Lantz, 2005), associados também à influência

de familiares ou amigos/as que já faziam este tipo de trabalho, como foi referido por Jainl (2011) numa publicação de teor jornalístico.

É possível verificar que a entrada de estudantes universitários/as na indústria do sexo é um fenómeno presente a nível mundial, pelo que é importante compreender os motivos pelos quais tomam esta decisão. O fator económico parece ser aquele que, na maior parte dos casos, tem mais peso na ponderação dos/das estudantes universitários/as. Quando entram para a faculdade, ao valor de propinas que são obrigados a pagar, muitos/as estudantes acrescentam custos de habitação, alimentação e deslocação, pois existe a necessidade de se deslocarem das suas áreas de residência para o local onde vão estudar. Também face à situação económica portuguesa, que provocou uma elevada taxa de desemprego jovem, os/as universitários/as veem as suas oportunidades de trabalho formal limitadas, o que acaba por orientar para a procura de outras opções, como é o caso do trabalho sexual. Esta opção parece ser acompanhada de algumas vantagens para os/as jovens universitários/as, nomeadamente ao nível da flexibilidade de horário de trabalho - que lhes permite uma conciliação entre o horário despendido para estudar, ir às aulas e trabalhar -, bem como da autonomia e da obtenção de dinheiro, que é maior e mais rápida do que quando comparada com outro tipo de atividade.

A revisão de literatura efetuada permitiu-nos concluir que as investigações realizadas no âmbito das motivações dos/as estudantes universitários/as para iniciarem trabalho na indústria do sexo ainda são escassas. Assim, é importante investir sobre este tema, de forma a compreender mais aprofundadamente a realidade vivida por estas pessoas. Em Portugal torna-se especialmente necessária a investigação, na medida em que existe apenas um estudo realizado sobre este tema. Neste estudo quantitativo realizado com estudantes da Universidade do Porto, Arantes (2013) tinha como objetivo: determinar a percentagem de estudantes que realizavam ou estavam dispostos/as a realizar qualquer forma de trabalho sexual, fazer a sua caracterização sociodemográfica, identificar os motivos que levavam os/as estudantes a exercer este tipo de trabalho e perceber se existiam diferenças entre estudantes universitários/as que estudassem no ensino público ou no ensino privado. Os resultados obtidos pela autora levaram a conclusões relacionadas maioritariamente com as perceções de estudantes universitários/as face ao tema dos/as estudantes na indústria do sexo. Este foco nas perceções face a estudantes que fazem trabalho sexual decorre de apenas um participante ter indicado que já ter realizado essa atividade. Contudo, é importante

referir também que 41,9% dos 1204 participantes do estudo referiram que estariam dispostos a realizar trabalho sexual em determinadas circunstâncias – nomeadamente por necessidade financeira. Esta investigação pode ser considerada um ponto de partida para outros estudos, dado que existem muitas questões por responder sobre este tema. É este o objetivo desta dissertação de mestrado.

2. Estudo Empírico

2.1. Objetivos e questões de investigação

Os objetivos desta investigação consistem em descrever e explorar a realidade de estudantes universitários/as que estão simultaneamente inseridos em qualquer tipo de atividade na indústria do sexo. Tendo em conta estes objetivos de estudo, foram definidas cinco questões de investigação (QI), às quais se pretende dar resposta: (QI1) Quais são as características sociodemográficas dos/das estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual?; (QI2) Quais os fatores que motivam a entrada e a permanência de estudantes universitários/as na indústria do sexo?; (QI3) Quais são e como são geridos os fatores de stresse provenientes de ser simultaneamente estudante universitário/a e trabalhador/a do sexo?; (QI4) Como é a partilha de informação com amigos e família por parte de estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual?; (QI5) Quais os significados atribuídos por estes/as estudantes a essa experiência?

A primeira questão de investigação pretende fazer uma caracterização sociodemográfica de estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual. A segunda questão de investigação procura identificar e compreender não só as motivações que levam os/as estudantes universitários/as a iniciarem o trabalho sexual, mas também as vantagens, desvantagens e dificuldades que lhe possam estar associadas. A terceira questão de investigação procura, por um lado, perceber quais são os fatores de stresse provenientes de cada uma das atividades e, por outro, compreender se existem fatores de stresse provenientes de realizar ambas as atividades em simultâneo. A terceira questão de investigação procura ainda entender quais as estratégias utilizadas para gerir esse stresse. A quarta questão de investigação procura perceber se estes/as estudantes partilham informação com outras pessoas no que diz respeito à realização de trabalho sexual e se essa partilha afeta as relações interpessoais. A quinta questão de investigação procura compreender quais os significados atribuídos a esta vivência pelos/as estudantes universitários/as que comercializam o sexo.

2.2. Método

A escolha do método a utilizar deve ter em conta o fenómeno a ser investigado, bem como os objetivos que a investigação pretende alcançar. Esta investigação tem, por um lado, uma natureza exploratória e, por outro lado, uma natureza descritiva. A natureza exploratória advém da reduzida informação sobre a temática e da necessidade em se

procurar nova informação para esclarecer aspetos que carecem de resposta (Berg, 2001), enquanto a natureza descritiva surge da descrição que se pretende realizar sobre a realidade vivida pela população alvo (Yin, 2010). Assim sendo, a metodologia qualitativa parece ser a mais indicada para este estudo, pois permite que os participantes abordem livremente os seus sentimentos e projetem a sua realidade, sem que se sintam condicionados pelo investigador ou por questões mais estruturadas (Sampieri, Collado & Lucio, 2006).

2.2.1. Amostra: Participantes e outras fontes de informação

Os dados foram recolhidos junto de 7 estudantes universitários/as que estavam, ou tinham estado, simultaneamente no trabalho sexual. Assim, pela dificuldade de acesso a esta população, foram incluídas duas participantes que, embora não estivessem, na altura da entrevista, simultaneamente no ensino superior e na indústria do sexo, já tinham estado no passado. Ou seja, em algum momento da sua vida, estas duas participantes tinham sido estudantes do ensino superior ao mesmo tempo que prestavam serviços sexuais comerciais. Num dos casos, a participante era estudante universitária tendo realizado anteriormente trabalho sexual em simultâneo e, no outro caso, a participante fazia trabalho sexual, tendo sido anteriormente estudante universitária em simultâneo. A idade dos participantes variou entre os 21 e os 56 anos. Três eram de nacionalidade brasileira, três de nacionalidade portuguesa e um de nacionalidade italiana. Três identificavam-se com o género masculino, dois com o género feminino e dois identificavam-se como não-binários. Relativamente às orientações sexuais dos participantes, quatro eram homossexuais, dois eram bissexuais e uma era heterossexual. No que concerne aos relacionamentos amorosos, apenas um participante referiu estar num relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista. Contudo, dos restantes seis participantes, dois referiram já ter estado em relacionamentos amorosos enquanto realizavam as duas atividades em simultâneo. O nível socioeconómico dos participantes é maioritariamente médio alto (3), seguido de médio (2), médio baixo (1) e baixo (1). No que diz respeito à correspondência entre a área geográfica de residência e de estudo e/ou trabalho, a totalidade dos participantes referiu não residir na mesma região onde desenvolve os seus estudos e/ou trabalho. Foram também encontradas diferentes formas de atuação na indústria do sexo, incluindo quatro acompanhantes de luxo, uma prostituta a trabalhar em contexto de interior, uma massagista erótica e uma profissional do BDSM, sendo o tempo de permanência na indústria variável entre quatro

semanas e 42 anos. O anexo A apresenta uma descrição do perfil biográfico de cada participante, de forma a complementar esta informação.

Além das entrevistas aos sete estudantes trabalhadores do sexo, procuramos outra fonte de informação que pudesse complementar os nossos dados, mais especificamente no que respeita às características sociodemográficas de estudantes trabalhadores do sexo. Assim, fizemos uma recolha de anúncios de trabalho sexual colocados na Internet, cujos anunciantes referiam ser estudantes universitários. Estes totalizam 24 anúncios. No levantamento da informação foram considerados apenas os anúncios que contivessem informação sobre a idade, o género, a nacionalidade, o distrito onde os estudantes atendiam os seus clientes, bem como o género dos últimos.

As idades dos/as estudantes universitários/as que constavam dos anúncios variavam entre os 18 e os 38 anos. Quanto ao género: 17 eram do género feminino e 7 do género masculino. Os estudantes eram maioritariamente de nacionalidade portuguesa (20), seguidos pela nacionalidade angolana (2) e pela nacionalidade brasileira (2). Das várias opções de género dos clientes que estavam disponíveis para atender, 15 anunciantes referiam atender somente homens, seis anunciantes referiam atender homens, mulheres e casais, um anunciante referia atender homens ou mulheres, um anunciante referia atender mulheres e casais e um anunciante referia atender homens e casais. Relativamente ao distrito de trabalho, a atividade de sexo comercial realizada pelos/as estudantes universitários/as concentrava-se maioritariamente no distrito de Lisboa (15), seguido do distrito do Porto (7) e dos distritos de Aveiro (1) e Leiria (1).

2.2.2. Instrumentos e forma de recolha de dados

A recolha de dados foi realizada com recurso à condução de entrevistas semiestruturadas com os sete participantes e ao levantamento da informação de 24 anúncios publicados *online*.

Para a entrevista, foi elaborado um guião, de forma a garantir a sua estrutura lógica e também para conferir liberdade aos participantes para explorarem o tema. Este guião de entrevista era composto por diversas questões que foram elaboradas tendo em conta o objetivo do estudo e a revisão da literatura. Assim, as questões foram agrupadas em quatro grandes temas – motivos para ser estudante universitário/a e fazer trabalho sexual em simultâneo, fatores de stresse decorrentes dessas atividades, relações interpessoais e também significados dos participantes face a esta experiência (cf. Anexo B).

Pela dificuldade em contactar com a população em estudo, optou-se por não se realizar uma entrevista piloto. Contudo, foi solicitado a todos os participantes que, no final da entrevista, comentassem a experiência, ao nível da pertinência da investigação, bem como da forma como a entrevista tinha sido conduzida. Nenhum dos participantes referiu a necessidade de se proceder a qualquer alteração do guião.

Relativamente à recolha dos anúncios online, foram considerados os anúncios de trabalhadores/as do sexo que diziam ser estudantes de cinco sites de classificados de sexo comercial diferentes, que depois de escolhidos foram analisados.

2.2.3. Procedimentos de recolha de dados

Com o objetivo de identificar participantes que cumprissem os requisitos pretendidos, foram utilizados diversos procedimentos, a saber: análise de anúncios *online* de sites especializados e de anúncios colocados num jornal generalista de circulação nacional que habitualmente recolhe uma grande quantidade de anúncios nas áreas do trabalho sexual, publicação de um pedido de colaboração na rede social *Facebook* (cf. Anexo C), que obteve 15 partilhas, e pedido de colaboração a técnicos de projetos que intervêm com trabalhadores do sexo, bem como a pessoas que conheçam alguém que se inserisse nos critérios já referidos.

Depois de identificados ou referenciados os potenciais participantes, para o agendamento de cada entrevista foram realizados contactos via telefone, via e-mail, via *Facebook* e através das pessoas que mediarão, fossem dos projetos ou não. Foi elaborado um texto (cf. Anexo D) que era lido durante o contacto telefónico ou enviado através de e-mail, para que não existissem diferenças na abordagem realizada a cada participante. De 36 contactos realizados, 10 foram realizados através de e-mail, dois através de *Facebook*, quatro através de mediadores dos projetos, 9 através de pessoas que conheciam alguém que se inserisse nos critérios referidos e 11 através de chamada telefónica. Dos participantes contactados, apenas 7 aceitaram participar no estudo, tendo sido realizadas duas entrevistas por *Skype*, utilizando uma conta anónima para o efeito, duas entrevistas por chamada de *Facebook* e três entrevistas presenciais, em casa dos participantes ou em locais adequados tanto para o entrevistador como para o entrevistado.

Antes da entrevista, depois de realizada uma introdução relativamente ao objetivo do estudo, era disponibilizado aos participantes o pedido de colaboração (cf. Anexo E), sendo este utilizado com o objetivo de solicitar o consentimento informado oral ao/à

participante, bem como para esclarecer possíveis dúvidas que surgissem antes da entrevista. Após a leitura do pedido de colaboração, era solicitado que a entrevista fosse gravada em formato de áudio, permitindo a sua posterior transcrição. No final, concluíamos agradecendo a disponibilidade do/a participante em aceitar fazer parte do estudo e disponibilizávamo-nos para devolver os resultados finais.

A transcrição das entrevistas não foi devolvida aos participantes, pelo que não foi obtida a sua validação.

Relativamente aos anúncios *online*, tal como já referido, foram considerados 24 anúncios, de cinco sites diferentes, através dos quais, para a análise, se teve em consideração a idade, o género, a nacionalidade e área geográfica de residência do/a estudante, bem como o género dos/das clientes que atende.

2.2.4. Tratamento dos Dados: análise de conteúdo de tipo categorial

Após a transcrição da totalidade das entrevistas e da sua introdução no *software* NVivo 11 (QSR), procedeu-se à análise de conteúdo categorial dos dados, de acordo com os princípios definidos por Bardin (2011). O corpus de análise traduziu-se na totalidade da transcrição das entrevistas e dos anúncios *online*. A unidade de registo adotada foi o tema, enquanto a unidade de contexto foram as entrevistas e os anúncios. Seguindo os princípios de Bardin (2011), a análise de informação teve início com a leitura flutuante do material a analisar, que permitiu a familiarização com os dados e uma maior facilidade na organização dos mesmos. A leitura flutuante, tendo por base o objetivo da investigação, junto com a revisão bibliográfica e as questões de investigação definidas, permitiu que fosse definido um sistema de categorias inicial (Bardin, 2011), que resultou num sistema de codificação misto. Este sistema de codificação misto apresenta categorias dedutivas, que surgiram de acordo com a informação obtida através da revisão da literatura, e categorias indutivas, que surgem da informação obtida com as entrevistas (Brandão, 2010).

Da análise de dados efetuada foi possível obter um sistema de categorias com um total de 132 categorias. Dessas categorias, 33 são de 1º nível, que se dividem em 66 categorias de 2º nível e que se subdividem em 33 categorias de 3º nível (cf. Anexo F).

3. Apresentação e discussão dos resultados

O terceiro capítulo desta dissertação de mestrado tem como grande objetivo expor os resultados obtidos no estudo e fazer uma discussão dos mesmos, em articulação com a literatura revista. Apresenta-se dividido em cinco temas: características de estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual, motivações para iniciar e continuar o trabalho sexual, fatores de stress em ser estudante universitário/a e estar no comércio do sexo, partilha da experiência e influência nas relações interpessoais e significados atribuídos pelos/as estudantes universitários/as ao trabalho sexual.

3.1. Características dos estudantes universitários que fazem trabalho sexual

A partir dos dados da nossa investigação com estudantes universitários/as na indústria do sexo podemos afirmar que esta população parece ser bastante heterogénea. Os/as estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual são maioritariamente mulheres, mas também incluem homens, transsexuais ou pessoas que não se identificam com nenhum dos géneros. Ao nível das suas orientações sexuais, estes/as estudantes apresentam orientações normativas (*i.e.*, são heterossexuais), bem como não-normativas (*i.e.*, são homossexuais e bissexuais), sendo que, a sua maioria não se envolve em relacionamentos amorosos enquanto faz trabalho sexual. Para além disso, são jovens com níveis socioeconómicos muito diversificados, desde o baixo até ao médio-alto, o que nos ajuda a compreender que a associação entre níveis socioeconómicos desfavorecidos e a entrada no trabalho sexual nem sempre é explicativa da decisão de entrar na indústria do sexo. Quando começam a estudar, uma grande parte dos estudantes desloca-se para novas cidades, estando o trabalho sexual concentrado maioritariamente em Lisboa e no Porto, mas também noutras regiões, como Aveiro e Leiria. Isto comporta a ideia de que cidades metropolitanas ou com oferta de mais oportunidades culturais, de lazer e/ou de trabalho, são também aquelas em que existe maior oferta do comércio sexual. Mais ainda, o facto de estas cidades serem cidades universitárias pode também ser explicativo do próprio número de estudantes que oferece serviços sexuais comerciais. Outro dado que nos parece importante referir é esta deslocação dos/as estudantes para casas que estão geograficamente distantes das casas da sua família de origem, que nos parece ser um facilitador na realização do trabalho sexual, visto que esse afastamento entre os/as jovens e os seus pais lhes permite maior liberdade e independência, bem como um maior controlo sobre as suas vidas.

3.2. Motivações para iniciar e continuar o trabalho sexual

Os participantes do nosso estudo apresentam diversas motivações para iniciar o trabalho sexual, sendo que na sua maioria estas estão relacionadas com fatores económicos e de flexibilidade horária, tal como sugerido na literatura (Lantz, 2005; Sagar et al., 2016). Não obstante, as motivações surgem também associadas a características dos próprios participantes ou à sua vontade de se expressarem política e artisticamente. Este dado permite-nos, desde já, concluir que a entrada de estudantes universitários/as na indústria do sexo não é totalmente explicada pela necessidade económica ou falta de opções de trabalho formal.

No que diz respeito à natureza económica das motivações para iniciar a atividade, esta foi associada pelos participantes a quatro fatores: independência financeira, qualidade de vida (“a única forma que eu encontrei para me manter e manter a minha qualidade de vida foi essa [trabalho sexual]”, P3), rapidez de obtenção de dinheiro e falta de oportunidades de trabalho formal (“Existem possibilidades, em qualquer tipo de mercado. Só que, por eu ser imigrante, para mim é mais complicado, então não é a coisa mais palpável para mim. Então foi maioritariamente por isso [que optei pelo trabalho sexual]”, P5). No que diz respeito ao horário de trabalho, a narrativa dos participantes evidencia a perceção desta atividade como tendo horários mais flexíveis (“tu escolhes as horas em que queres ou não aceitar clientes”, P4). Esta flexibilidade de horário, juntamente com a menor quantidade de horas em que se trabalha, possibilita a realização de outras atividades (“facilmente consigo fazer essas atividades [...] ou até mesmo marcar coisas com amigos”, P7), o que torna o trabalho sexual atrativo para os/as estudantes universitários/as. Tal como sugerem Moffatt e Peters (2004), esta motivação parece orientar para a realização do trabalho sexual, pelo balanço positivo entre a satisfação das necessidades económicas dos participantes e a gestão da sua carga horária que possibilita o foco noutras tarefas, nomeadamente letivas.

Ao nível das características dos participantes que podem motivar a entrada no trabalho sexual, foram enunciadas a curiosidade (“foi maioritariamente a curiosidade que tinha por este mundo”, P4) e o gosto por sexo (“A primeira coisa [que me motiva] é que eu gosto de fazer sexo”, P2). Um dos participantes referiu ainda que um dos motivos para iniciar esta atividade dizia respeito à sua vontade em se expressar política e artisticamente:

Fiquei interessado pelo conceito do *sex work* como apropriação do corpo, como questão política [...] porque também tinha muito interesse em experimentar e na exploração disso e também a um nível intelectual e artístico acho que tem muita potencialidade no *sex work* (P2)

Assim, é possível compreendermos que nem sempre as motivações para iniciar trabalho sexual surgem relacionadas com questões económicas ou com a falta de oportunidades de trabalho formal. Os participantes podem apresentar outros motivos, o que evidencia a complexidade do envolvimento no comércio do sexo, tal como tem vindo a ser defendido por diferentes autores (*e.g.*, Oliveira, 2011; Phoenix, 2000; Ribeiro et al., 2008; Sanders, 2005)

Quanto à forma como os participantes entraram na indústria do sexo, a maioria referiu que teve a ajuda de outras pessoas, nomeadamente de amigos ou conhecidos (“Foi através de um amigo e esse amigo foi fazendo as indicações”, P5), tendo somente dois participantes referido que entraram sozinhos e descobriram autonomamente o que fazer (“fui pesquisando e fiz o meu próprio anúncio”, P7). Esta informação indica-nos a importância da influência social de amigos, familiares ou conhecidos que já realizavam este trabalho na facilitação e promoção da comercialização do sexo. Este dado corrobora os resultados da investigação de Oliveira (2011) e vai e ainda ao encontro de dados que têm surgido em trabalhos de natureza jornalística (Jainl, 2011). Isto pode ocorrer pelo facto de os/as trabalhadores/as verem nessas pessoas alguém a quem recorrer em caso de dúvida ou preocupação, ao mesmo tempo que lhe permite dialogar com alguém que apresenta uma perspectiva menos negativa e estigmatizante face ao trabalho sexual.

Relativamente às vantagens, desvantagens e dificuldades que os participantes encontram na atividade sexual comercial, elas vão ajudar-nos a compreender as suas perceções face à mesma. Assim, no que diz respeito às vantagens, a totalidade dos participantes referiu que o dinheiro é o principal benefício (“porque não é um trabalho normal ganhares 100 euros por uma hora”, P2), seguido pela flexibilidade horária (“tu é que escolhes os dias em que trabalhas, as horas e os clientes que queres receber”, P7). Foram referidas ainda outras vantagens, tais como o contacto com diversos/as clientes, que pode possibilitar o acesso a situações profissionais futuras noutros contextos e áreas de atuação (“Então, o facto de eu conhecer essas pessoas já é um facilitador para o

futuro [...] talvez possam surgir outras oportunidades no futuro”, P5), bem como o desenvolvimento da capacidade de ser corajoso (“o trabalho sexual ele é muito legal porque ele te dá uma coragem muito grande”, P6). Esta percepção de coragem parece-nos surgir associada à mestria que é desenvolvida pelos/as trabalhadores/as do sexo para dar resposta imediata a situações de pressão, desconforto e percebidas como perigosas, das quais servem de exemplo o contacto com clientes desconhecidos/as e duvidosos/as. A participante cuja forma de trabalho sexual era o BDSM, e que desenvolvia um papel de dominadora, realizado através de uma plataforma online, referiu o tipo de trabalho que desempenhava como uma vantagem específica: “o facto de ser uma cultura de dominação/submissão e o facto de eu estar a dominar, [é] o que me dá algum controlo sobre a cena”, P1. Isto indica-nos que é necessário ter em conta o tipo de trabalho sexual desempenhado pelos participantes, na medida em que diferentes formas de atuação podem originar percepções distintas quanto às vantagens em realizarem este trabalho.

No espectro oposto surgem as desvantagens, as quais os participantes enunciam a disponibilidade emocional que o trabalho sexual exige (“Às vezes tu não estás num bom dia ou não estás com vontade de ir ter com alguém [cliente]”, P3), a necessidade de ter uma vida dupla (“Tens que esconder de toda a gente aquilo que fazes, tens que manter *um low profile* quando não estás a trabalhar, como se fosses invisível”, P4), a competitividade entre trabalhadores/as (“Então, você entra no site e tem 40 a concorrer comigo”, P6) e a falta de identificação com certos aspetos do trabalho (“[a desvantagem é] em relação a fazeres coisas que tu não queres, com pessoas que não gostas”, P2). Essas desvantagens traduzem-se em fatores responsáveis pelo mal-estar psicológico dos/as trabalhadores/as do sexo (Jackson et al., 2007), sendo que esse mal-estar é também tido pelos participantes como uma desvantagem (“Quando tu te sentes forçado a fazer alguma coisa, a dar um sorriso obrigado, isso mexe com a tua cabeça”, P3). Também foram referidas como desvantagens a diversidade de parceiros/as sexuais com os/as quais se envolvem (“E a desvantagem que eu vejo que é teres diversos parceiros”, P5), associada ao risco de contração de infeções sexualmente transmissíveis (“Eu sou muito preocupado com a saúde, então eu tento me preservar o máximo possível, mas ainda assim existem os riscos, P5) e à maior suscetibilidade a violência física e psicológica. Esta maior probabilidade de contração de infeções, bem como de violência tem vindo a ser alvo de investigação (Teixeira & Oliveira, 2017) e parecem ser os fatores que têm maior preponderância na explicação do reduzido bem-estar dos/as trabalhadores/as do sexo (Duff et al., 2017; Sherwood et al., 2015). Para além disto,

foram evidenciadas como desvantagens a perda de confiança nas pessoas (“a confiança nas pessoas muda bastante. Tu não consegues confiar em mais ninguém”, P3), o *stalking* a que podem estar sujeitos (“há maior tendência para as pessoas saberem quem são ou encontrarem-se, então, há maior predisposição para haver *stalk*”, P1), a perda de controlo das situações, bem como as quebras de humor (“depois de várias sessões ou passar 3 ou 4 horas a fazer isto [...] deixavam-me com uma quebra de humor”, P1). Esta conscientização dos participantes sobre as desvantagens e efeitos negativos do trabalho sexual na sua saúde psicológica, vem reforçar não só a ideia de Flowers (2005) de que existe uma grande variedade de efeitos negativos associados à saúde psicológica de quem comercializa o sexo, mas também a ideia de que o efeito desses problemas não desaparece quando é abandonado o local de trabalho (Sanders, 2004). Este impacto torna complicado o distanciamento desses efeitos e preocupações quando os participantes não estão em horário laboral e procuram assumir outros papéis na sua vida (*i.e.*, ser estudante).

Ao nível das dificuldades, os participantes focam na angariação de clientes, no que diz respeito ao tempo despendido na procura dos mesmos ou na negociação de preços (“Há dias, por exemplo, em que tu comesças a falar com um possível cliente e falas, falas, falas e quando já deste por ti, já perdeste muito tempo”, P2). Os participantes focam também na falta de desejo sexual pelo/a cliente (“O único problema é mesmo, muitas vezes, não ter o mínimo de atração pelos clientes que atendo”, P7), na necessidade em assegurar a qualidade no serviço que é prestado (“Saber ter que agradar toda a gente”, P3) e no tratamento semelhante para os/as clientes (“porque cada um merece ser respeitado e ser tratado da mesma forma positiva que o anterior foi ou que o próximo será tratado”, P7). Tal como nas vantagens, a participante cujo trabalho sexual estava inserido na prática de BDSM referiu uma dificuldade específica da atividade realizada. Por ser uma prática online, este trabalho implicava a validação física da participante, através de fotografia ou áudio. Isto obrigava a participante a expor outras pessoas, uma vez que a personagem que representava era de uma mulher cis, o que não era condizente com a sua aparência física (“eu também me sentia um bocadinho mal por eu estar a expor outras pessoas, por vezes, que não eu, ainda que com consentimento”, P1). À semelhança do que acontece com as vantagens, esta dificuldade associada à especificidade do trabalho sexual desempenhado sugere que podem existir diferentes perceções consoante o meio de trabalho em que os participantes se inserem. Assim,

torna-se necessário ter em conta a especificidade destes, que apesar de se incluírem na mesma indústria, podem apresentar aspetos distintos.

Não obstante, apesar de todas as dificuldades e desvantagens que apresentam, a maior parte dos participantes parece apresentar uma perceção positiva face ao trabalho sexual, o que acaba por contribuir para que se mantenham nessa atividade. Contudo, um dos participantes enunciou o desejo de parar com a realização do trabalho sexual. Esta vontade parece-nos associada ao caráter de intimidade atribuído pelo participante ao ato sexual, bem como à conotação negativa que o mesmo atribui a essa atividade (“o meu corpo é o meu corpo e eu só tenho que o dar para quem eu realmente goste e não para qualquer outra pessoa”, P3).

No que diz respeito aos motivos que levam os/as estudantes a continuarem a comercializar o sexo, estes prendem-se com o caráter monetário, com a flexibilidade horária e com o gosto pela atividade. Os participantes associam o caráter monetário a quatro fatores: melhor qualidade de vida que o dinheiro proporciona (“proporciona-me uma qualidade de vida melhor”, P3), independência (“Não tenho de pedir dinheiro a ninguém, nem dar satisfações a ninguém de nada. Faço aquilo que quero, quando quero”, P7), possibilidade de ajudar a família (“Eu tenho a minha família lá no Brasil que precisa de ajuda”, P3) e quantidade elevada de dinheiro que é obtida (“Naquela época ganhava-se 1500 dólares por dia”, P6). A flexibilidade horária é mencionada tendo por comparação outras atividades de trabalho formal, dado que permite mais tempo para estudar e/ou realizar outras tarefas diárias (“Eu continuo a procurar outras formas de rendimento, de trabalho, mas ainda assim é um pouco difícil, porque eu tenho de conciliar trabalho, estudos e outras coisas”, P5). O gosto pela atividade parece surgir de forma independente (“fazer o *sex work*, no concreto, eu gosto”, P2) ou associado a questões económicas (“eu não sei se eu gosto mais do sexo ou do dinheiro”, P6).

Assim, parece existir um balanço favorável entre os aspetos negativos e os aspetos positivos do sexo comercial, o que leva a que os/as estudantes permaneçam na indústria. Esta ideia vem corroborar novamente o que foi anteriormente defendido ao nível da possibilidade de os participantes desejarem fazer trabalho sexual, sem que se vejam exclusivamente obrigados a tomar tal decisão pela falta de possibilidades ou oportunidades de trabalho formal.

3.3.Fatores de stresse em ser estudante universitário e estar no comércio do sexo

Os participantes referiram fatores de stresse em ser estudante, em ser trabalhador do sexo e em desempenhar ambos os papéis em simultâneo.

Por um lado, no que diz respeito a ser estudante, os participantes enunciam a dedicação exigida pela universidade como a principal fonte de stresse (“Em relação a trabalhos, frequências, presenças e este meu curso exige muita dedicação”, P3), seguida pela competição entre os estudantes (“E depois é aquela questão da competição que existe entre as pessoas. Toda a gente tem que ser melhor que toda a gente”, P4) e pela performance académica (“são stresses relacionados com a performance académica, do género de ter que ter realmente boas notas”, P1). Para além disso, são também ressaltados aspetos relacionados com o medo face à precariedade do futuro (“insegurança relativamente à minha capacidade de seguir o que eu quero e de não cair na precariedade”, P1) e o pagamento de propinas. Estes aspetos orientam-nos para a insegurança económica que é sentida pelos participantes, não só atualmente, mas também quando pensam no seu futuro profissional. Isto pode estar relacionado com o elevado valor de propinas que se veem obrigados a comportar, muitas vezes sem qualquer ajuda por parte do Estado, bem como com a insegurança que o próprio país transmite face à economia e às taxas de desemprego.

Por outro lado, as respostas dos participantes relativamente aos fatores de stresse que existem em comercializar o sexo acabam por coincidir com os aspetos apontados anteriormente como dificuldades e desvantagens. São então referidos a disponibilidade emocional que o trabalho sexual exige (“há dias que tu já podes ter coisas marcadas [clientes] em que simplesmente não te apetece sair da cama, mas és obrigada a fazê-lo”, P4), o tempo gasto na angariação de clientes, a falta de desejo sexual pelos mesmos, a diversidade de parceiros sexuais e a obrigatoriedade em assegurar a igualdade de tratamento aos clientes. Jackson e colaboradores (2007) referem que um dos principais fatores de stresse com os quais os/as trabalhadores/as do sexo se deparam consiste na necessidade de uma vida dupla e no medo da exposição social. Este dado suporta o que foi também indicado pelos participantes (“o medo de ser descoberta e a mentira constante com que tenho que lidar acaba por ser constrangedor”, P4), que pode sugerir que a ideia estigmatizada da sociedade acerca do trabalho sexual continua a condicionar a liberdade e o bem-estar de quem realiza este trabalho. Assim, acabam, muitas vezes,

por ter que viver uma vida dupla, pois acreditam que ao expor a determinadas pessoas irão ser alvo de estigma e discriminação.

Foram também indicados fatores de stresse que surgem do desempenho das duas atividades em simultâneo, nomeadamente a dificuldade na gestão do tempo e o desgaste físico e emocional provocado. No que concerne à dificuldade na gestão do tempo, os participantes acreditam existir um obstáculo no que diz respeito ao foco que é atribuído a cada atividade (“às vezes eu estou nas aulas e o telefone toca e eu já fico a pensar «ah eu tenho cliente mais tarde. Tenho que sair daqui o mais rapidamente possível»”, P3). Este fator de stresse leva a que não consigam desempenhar as tarefas de forma equilibrada, acabando por hierarquizar ou priorizar uma atividade em detrimento da outra (“imagina que eu um domingo só quero ir sair com amigos, beber e comer, mas também quero dinheiro e escreve-me um cliente no *Grindr*. Eu digo logo adeus, tenho que ir trabalhar e ir-me embora”, P2). Para além disso, é referido como fator de stresse a dificuldade em organizar o tempo para o desempenho de determinadas atividades de lazer (“É muito pouco [tempo], sabes? [...] Eventos sociais fora da faculdade, eu raramente saio [...] Se eu sair à noite é porque é um aniversário de um colega”, P3). Isto sugere que os participantes têm o tempo bastante cronometrado para realizar tudo aquilo a que se propõem. Contudo, é importante referir que quando existe uma gestão regrada do seu horário, os participantes conseguem enquadrar outro tipo de atividades na sua rotina (“Eu vou 4 vezes por semana ao ginásio, até porque o trabalho também assim o exige. Para além disso, passo tempo com amigos, saio à noite, vou ao cinema”, P4). Isto indica-nos que os participantes conseguem ter outros interesses, atividades e *hobbies*, pelo que não veem as suas vidas limitadas exclusivamente ao trabalho sexual e à universidade.

No que diz respeito ao desgaste físico e emocional provocado, os participantes referem que ao realizarem as atividades em simultâneo podem ver a sua saúde mais debilitada. Isto pode conduzir a que exista uma quebra no desempenho das atividades (“Às vezes também falto a algumas aulas para descansar porque me sinto exausta, não sei se devido ao desgaste psicológico que te falei, e do físico também, ou se outra coisa, mas a verdade é que sinto essa necessidade”, P4), o que se torna prejudicial para os participantes, a nível académico, profissional e pessoal.

Assim sendo, é possível compreender que os papéis desempenhados – ser estudante e ser trabalhador/a do sexo – acarretam, individualmente, diversos fatores de stresse, mas também é necessário ter em conta que o desempenho de ambas as tarefas em

simultâneo pode originar fatores de stress comuns. Aqui se encontra a especificidade desta população que, por ser trabalhador-estudante, procura estratégias para gerir os fatores de stress provenientes de ser estudante, de ser trabalhador/a do sexo e de realizar ambas as atividades em simultâneo. Assim, os participantes utilizam estratégias defensivas e pró-ativas (*i.e.*, estratégias de *coping*), para lidar com essa negatividade do stress que advém da realização de ambas as atividades, independentemente do sucesso ou fracasso dessas estratégias (Schaufeli, 2015). Uma delas consiste em delimitar o papel profissional e o papel pessoal (Abel, 2011; Browne & Minichiello, 1995). Os participantes procuram definir os papéis de “trabalhador/a do sexo” e de “estudante” para que um não interfira no desempenho do outro:

Eu geralmente não costumo misturar a minha vida profissional com a minha vida pessoal. Então, a minha vida pessoal me afeta muito, mas chega na minha hora profissional e eu tenho que por isso de lado e tentar agradar ao máximo a outra pessoa (P3)

Todavia, os participantes não apresentam uma perspetiva unicamente negativa face ao stress. Também é atribuída uma conotação positiva que vê este fenómeno como promotor de reações e sentimentos positivos. Esta perceção de stress deve ser vista na ótica do modelo holístico do stress (Nelson & Simmons, 2003), que pressupõe a existência de experiências negativas (*i.e.*, *distress*), bem como de experiências positivas (*i.e.*, *eustress*). Apesar de referirem que o stress proveniente é maioritariamente percecionado como negativo, os participantes indicam como fatores de stress positivo o aumento da rapidez e do investimento que são atribuídos quando realizam cada uma das atividades (“o tempo que estou na aula tento absorver o máximo possível porque eu sei que depois de eu sair dali eu não vou ter mais tempo para estar a dedicar-me 100% igual ao tempo que eu estou ali”, P3). Também o contacto com clientes diferentes e de estatutos sociais muito diversificados é visto pelos participantes como algo positivo (“Então, o facto de eu conhecer essas pessoas já é um facilitador para o futuro. Isto significa que para além do trabalho que eu tenho, talvez possam surgir outras oportunidades no futuro”, P5). Este fator de stress parece apresentar uma conotação positiva, pois desperta nos participantes o sentimento de que estão a contribuir para que lhes sejam abertas portas para um futuro profissional na sua área de estudos.

Isto demonstra que os participantes têm perspetivas negativas e positivas sobre o facto de realizarem trabalho sexual e serem estudantes universitários/as. Mais ainda, os mesmos fatores de stresse podem ser encarados de formas distintas, despertando nos participantes uma diversidade de sentimentos, dependendo das estratégias que encontram para lidar com esses mesmos fatores de stresse. Para além disso, este dado pode ajudar-nos a desconstruir a imagem de que o trabalho sexual é algo mau e que só contempla aspetos negativos.

3.4. A partilha da experiência e influencia nas relações interpessoais

Os participantes referem, na sua totalidade, que partilham o facto de realizarem trabalho sexual apenas com os seus amigos e não com os familiares. Esta partilha surge associada à transparência que pretendem que pautem a relação, bem como à vontade em desconstruir a imagem negativa que acreditam que a sociedade tem face a este tipo de trabalho. A transparência que os participantes referem diz respeito ao facto de procurarem ser verdadeiros com os seus amigos em relação a aspetos particulares da sua vida

Eu aprendi que quanto mais tu escondes, mais curiosidade despertas na pessoa.

Então, se me perguntarem, e se eu vir que a pessoa a quem vou contar realmente merece saber, uma pessoa íntima minha, então eu digo na boa, sem problema nenhum com isso porque isso não me vai diminuir (P3)

Para além disto, os participantes referem contar aos amigos pois têm o objetivo de desconstruir a ideia prejudicial face ao trabalho sexual e reduzir o estigma que possa estar associado ao mesmo (“Olha porque eu não quero pessoas com tabus perto de mim [...] Também acho que o estigma social traz muitos problemas mentais, de relações”, P2).

Esta partilha da experiência pode levar a diferentes tipos de reações por parte dos amigos: positivas, negativas e/ou neutras. As reações sociais positivas (*e.g.*, apoio e/ou preocupação com o bem-estar físico e psicológico) aparecem em maior número do que as negativas (*e.g.*, discriminação) ou as neutras (*e.g.*, curiosidade). Este rácio do tipo de reações indica-nos que relações caracterizadas por maior intimidade e diálogo apresentam ações e perspetivas mais positivas face ao trabalho sexual e face a todos aqueles que o desempenham, do que relações que são caracterizadas pela falta de

intimidade e comunicação. Para além disso, consideramos que este dado nos indica que, apesar de os amigos poderem não concordar ou se identificar com essa parte da vida dos participantes, pelas relações de proximidade que estabelecem, acabam por aceitar e ter reações positivas.

Nas reações positivas enquadram-se o apoio prestado pelos amigos e a preocupação dos mesmos com o bem-estar físico e psicológico do indivíduo. Esta postura apoiante resulta de uma relação pautada pelo respeito:

Uma delas apenas me ouve, então eu conto algumas experiências e tal e ela escuta-me e eu acho que falar também sobre as coisas acaba por me retirar algum stress, [...] mas a aceitação deles já é uma coisa mais tranquila. Eles respeitam (P5)

e constituída pelo diálogo livre sobre a indústria do sexo. Já ao nível da preocupação com o bem-estar físico e psicológico, os amigos parecem preocupados com a permanência nesta indústria (“Mas, geralmente as pessoas dizem «ah que chato. Pretendes mudar? Sair dessa vida?»”, P3), com os riscos associados ao contacto com diferentes parceiros sexuais (“Claro que se demonstraram mais preocupados em termos de saúde física, porque ao ter mais parceiros estou associado a mais riscos”, P7) e com impacto negativo do desgaste psicológico e da exposição ao estigma que os participantes enfrentam (“mas também a nível psicológico, pelo desgaste que eu lhes ia demonstrado e pela exposição que isto poderia ter e consequentemente impacto negativo que pudesse ter em mim”, P7).

Na reação negativa enquadram-se atividades que causam desconforto a um participante. Este sentimento decorre da perceção de que, a partir do momento em que os amigos sabem da sua atividade sexual comercial, não são capazes de se descentrarem desta informação e passam a definir a pessoa a partir da atividade que ela realiza. Assim, certos amigos do participante criam uma imagem da pessoa que passa a servir para a discriminar em situações do dia-a-dia, por exemplo, associando qualquer conversa ou comportamento do/da amigo/a a um conteúdo sexual, podendo desvalorizar outras questões da sua vida:

Eu gosto muito de fazer brincadeiras, sabes? Gosto de fazer disto uma coisa muito *light*, de não fazer muito drama. Mas tem alturas em que qualquer coisa que eu diga é como se fosse logo uma brincadeira ao nível sexual, de forma

constante. O *sex work* é o *sex work*, eu sou uma pessoa muito *sexualized*, mas não é só isso (P2)

A criação desta marca estigmatizante pode despersonalizar os/as trabalhadores/as do sexo, que passam a ser vistos maioritariamente como pessoas que fazem esse trabalho. Contudo, os estudantes universitários trabalhadores do sexo também têm outros interesses e desejos.

A reação neutra referida pelos participantes caracteriza-se pela curiosidade que os amigos demonstram quando lhes é partilhada a informação sobre o trabalho sexual, procurando saber mais sobre o tema (“de pedir mais informação [...] Era uma conversa mais sobre informação, objetiva”, P1; “Fazem algumas perguntas, mas também tento que não se envolvam muito porque isto acaba por ser o meu trabalho e não gosto de falar muito sobre isso”, P7). Este tipo de reação retrata a falta de conhecimento que existe na sociedade relativamente ao trabalho sexual e aos/às trabalhadores/as do sexo, bem como a vontade em saber mais sobre o tema.

Foram também enumerados diversos motivos que levam a que os participantes não partilhem esta informação, seja com amigos e/ou familiares. No que diz respeito aos motivos para não contar aos amigos, os participantes referem o medo que têm em quebrar as relações que estabelecem (“Prefiro ficar na dúvida e não contar nada, pelo menos aos amigos, para que não corra o risco de quebrar relações”, P4). Este medo demonstra o estigma social e a conotação negativa que ainda existe sobre o trabalho sexual e sobre quem o pratica, o que condiciona a partilha de informação. Para além disso, um dos motivos enunciados para não partilhar informação com amigos é a competição profissional que pode existir. Este motivo foi enunciado apenas por uma participante, que realizava uma forma específica de BDSM que lhe permitia desenvolver a sua atividade através de uma plataforma online à qual facilmente qualquer pessoa teria acesso:

A única razão pela qual não sabiam mais amigos era porque [...] não era assim uma plataforma tão grande quanto isso e se houvesse muita gente a fazer, havia menos dinheiro e menos pessoas dispostas a pagar porque estavam mais distribuídas por mais pessoas (P1)

Por outro lado, os participantes referem o medo da incompreensão, o medo de quebrar relações e o evitar de conflitos (“Eu nunca falei explicitamente para a família

porque eu acho que às vezes esconder é muito melhor do que assumir para evitar conflitos e desânimos”, P6), como os motivos que levam a que não contem aos seus familiares o facto de realizarem trabalho sexual. O medo da incompreensão surge de várias formas. Em primeiro, através da falta de identificação com valores familiares que não estão alinhados com a conotação atribuída ao trabalho sexual, bem como a questões relativas à orientação sexual e à identidade de género (“Eu honestamente nunca pensei em contar-lhes porque há coisas muito mais básicas que eu não lhes conto [...] relativamente a orientação sexual, identidade de género”, P1). E segundo, através da possibilidade de criação de uma imagem irrealista sobre o participante devido ao desconhecimento da realidade (“ia ser muito drama e eles iam ver-me como desesperado. Não é que eu seja desesperado, mas essa seria a ideia que eles iriam ficar”, P2; “Talvez porque não têm 100% de conhecimento sobre a realidade”, P4).

Embora os participantes tenham referido alguns motivos que os condicionam e impedem de contar aos familiares, a totalidade referiu que não se arrepende de ter partilhado esta informação com os seus amigos (“A todas as pessoas que eu contei sempre foram pessoas que eu confiei, percebes? São pessoas que eu sei que não iriam dececionar-me”, P3). Assim, podemos concluir que apesar de todas as condicionantes que encontram, os medos que apresentam e o estigma social a que podem estar sujeitos, os participantes reconhecem que a partilha é benéfica e os faz sentir bem.

Apesar de, na sua maior parte, não se encontrarem em relações amorosas, os participantes referiram as suas perceções face à possibilidade de existirem, ou não, esse tipo de relações. Os participantes indicam que, para ser possível existirem relações amorosas enquanto fazem trabalho sexual, é necessário existir cumprimento de acordos (“Existem os acordos, claro, todas as relações têm de ter acordos, desde que eu respeite os acordos, está ok”, P5), bem como sinceridade e comunicação entre o casal (“Mas é muito simples, eu explico o que está a acontecer, falamos sobre as coisas, de forma a esclarecer alguma dúvida, alguma insegurança da parte dele, ele acaba por entender e fica tudo resolvido”, P5). Já nos motivos que impedem a existência de relações amorosas enquanto se é trabalhador/a do sexo, os participantes referem a percepção de monogamia que está implícita nas relações amorosas (“É algo que me incomoda bastante, por isso é que eu estou solteiro, porque eu não gosto de estar com uma pessoa e ter que sair com outra por causa de dinheiro, percebes? Isso faz-me mal”, P3), bem como a percepção de intimidade que o trabalho implica (“Acho que é sempre complicado

quando fazes este tipo de trabalho porque tem uma coisa de maior intimidade associada [fazer sexo] e as pessoas nem sempre entendem isto como um trabalho”, P4).

Os/as trabalhadores/as do sexo parecem selecionar a quantidade de informação que contam, a quem contam e quando contam, como forma de gerir o estigma a que estão expostos (Oliveira & Fernandes, 2017). Assim, os participantes omitem aos seus familiares e amigos o facto de realizarem trabalho sexual, com o objetivo de evitar conflitos, bem como de forma a evitar o estigma que pode advir dessa partilha de informação. Dessa forma, ao esconder que fazem trabalho sexual, os/as trabalhadores/as protegem-se não só a eles/as próprios/as do estigma do qual podem ser alvos, mas também às pessoas com quem se relacionam.

3.5. Significados atribuídos ao trabalho sexual e perspetivas face ao futuro

Os/as estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual atribuem diversos significados à realidade que vivem. Um dos participantes dá uma significação política a este tipo de trabalho. Para ele, fazer trabalho sexual, e falar sobre isso, é uma forma de combater o estigma, numa lógica de adoção de uma filosofia *sex positive* que explica da seguinte forma: “É a filosofia do *sex positive*, de falar sobre sexo e de não fazer estigma social sobre isso porque não é assim que se resolve o problema, sabes? Eu acho que falar sobre isso o mais possível é importante”, P2. Assim, ao realizar trabalho sexual, o participante procura, através do diálogo livre sobre o tema, desconstruir o tabu existente e diminuir o estigma social que está associado a este tipo de trabalho e aos seus protagonistas.

Para além deste significado, para outros participantes, o trabalho sexual é entendido como um meio para atingir um fim (“[vejo isto] como uma pessoa que queria ter mais luxos do que aquilo que tinha e que procurou formas que o proporcionasse”, P7). Assim, parece que os participantes reconhecem no trabalho sexual uma forma para alcançar aquilo que procuram e ambicionam, independentemente dos motivos que a isso possam estar associados. Mais ainda, como o trabalho sexual é alvo de estigma, permite que esta perceção como “um meio para atingir um fim” se converta numa estratégia dos próprios participantes para gerirem esse estigma. Segundo o discursos dos participantes, o foco passa a concentrar-se no objetivo final e não no meio (trabalho sexual) que utilizam para o conseguir. Assim, valorizam apenas (ou sobretudo) o aspeto positivo que é o estarem numa atividade que lhes vai permitir atingir os seus objetivos, em

detrimento dos aspetos mais negativos, onde se inclui o estigma, acaba por validar a prática desse trabalho e reduzir o impacto que o estigma tem sobre as suas vidas.

Ainda mais, os participantes caracterizam a experiência vivida em três polos - negativo, positivo ou neutro. No que diz respeito ao polo negativo, este surge relacionado com a tristeza que os participantes sentem em realizar trabalho sexual, o que se liga com a falta de apoio económico que referem existir por parte dos familiares ou da sociedade (“É triste porque tu tentas algo para ti, melhor qualidade de vida e para a tua família e a sociedade não te dá suporte para isso, é triste. É deprimente tu viveres num mundo assim”, P3). Ora, isto influencia-os a tomarem decisões que não vão de encontro às expectativas que têm para as suas vidas. No polo positivo, os participantes indicam que, apesar de todos os constrangimentos, esta experiência permite alguma liberdade de escolha e poder de decisão:

Sim, é de uma forma positiva. Por mais que existam pessoas que eu tenho de encontrar e que eu não encontro novamente, acaba por se tornar uma coisa positiva porque eu escolho o que eu quero fazer e com quem eu quero fazer (P5)

Por fim, os participantes associam também a esta experiência alguma neutralidade, acabando por não associar o facto de serem trabalhadores/as do sexo a algo positivo ou negativo. Contudo, os participantes indicam que esta experiência acabou por ter impacto nas suas vidas, tornando-os pessoas diferentes e moldando-os à realidade que vivem (“Nunca tive qualquer tipo de problema com isso, por isso acho que sim. Acho que também se sou da forma que sou hoje, acaba por ser pelas experiências que isto me proporcionou”, P4). Novamente, este dado permite-nos concluir que o trabalho sexual não detém uma conotação unicamente negativa, seja para as pessoas que o fazem, seja para a população no geral. Assim, a perceção face ao mesmo vai depender das experiências, valores e realidades de cada um, tornando-se fulcral ter em conta principalmente as perspetivas de quem realiza o trabalho sexual, que, como vimos, podem ser positivas, negativas ou neutras.

Já no que diz respeito às perspetivas face ao futuro, os participantes encontram-se divididos entre aqueles que pretendem continuar no trabalho sexual (“Até quando, não sei, mas neste momento estou bem assim. Talvez até faça uma pausa na faculdade, porque estou a gastar dinheiro escusadamente, mas logo vejo isso também”, P7), aqueles que pretendem sair (“Estou a fazer o máximo para parar o mais rapidamente possível”, P3; “Sim [pretendo terminar o trabalho sexual], ou até mesmo antes de

terminar o curso. Depende de como vai seguir a vida”, P5) e aqueles que se encontram pautados pela incerteza (“Por agora, é algo que me imagino a fazer até porque, como te disse, é algo que gosto mesmo. Mas no futuro, não sei [...] Por isso, não sei. Por agora, vou continuar e ver até onde dá”, P4). Os participantes cujo objetivo é continuar parecem ser também aqueles que têm perspectivas mais positivas face à realidade experienciada. Da mesma forma, aqueles que não pretendem continuar a desempenhar esta atividade parecerem ser os que consideram o trabalho sexual como algo negativo nas suas vidas. Estes três polos permitem-nos concluir que o trabalho sexual não é, nem pode ser, visto unicamente como negativo. É necessário ter sempre em conta a perceção e a realidade das pessoas que o realizam. Assim, como refere Oliveira (2008), ouvir os/as trabalhadores/as do sexo e apreender os significados que dão às suas vidas, implica encará-los/as como atores/atrizes capazes de se analisarem e de encontrarem sentido no seu trajeto. Isto torna-se necessário para que seja possível compreendermos as histórias de quem vivencia esta realidade e assim serem discutidas políticas que considerem esta população e que diminuam o preconceito e discriminação que ainda caracterizam o trabalho sexual.

4. Conclusão e Reflexões Finais

Este capítulo tem como objetivo fulcral a realização de uma discussão geral sobre os dados que obtivemos com o nosso estudo. Para além disso, pretendemos também refletir sobre as potencialidades e limitações do mesmo, bem como apresentar sugestões para estudos futuros.

Após a descrição e análise dos dados, é possível compreender que esta população é bastante diversificada ao nível das suas características sociodemográficas. Contudo, as realidades dos participantes parecem ser semelhantes quando se tem em consideração a orientação sexual, o género ou o nível socioeconómico que apresentam. Quanto aos motivos para iniciar o trabalho sexual, os universitários referem motivos económicos, de foro político e artístico ou relacionados com as suas características de personalidade. No que diz respeito ao trabalho sexual, os participantes apresentam diversas vantagens e desvantagens. As vantagens correspondem maioritariamente ao dinheiro auferido, bem como à flexibilidade de horário, o contacto com cliente influentes e o desenvolvimento da capacidade de ser corajoso. Já as desvantagens estão associadas à disponibilidade emocional que o trabalho exige, à necessidade de vida dupla, à competitividade entre os trabalhadores, a falta de identificação com certos aspetos do trabalho, assim como o mal-estar psicológico e a diversidade de parceiros sexuais, associado à contração de infeções sexualmente transmissíveis e à violência física e psicológica a que estão sujeitos. Contudo, é necessário referir a importância da alteração de residência que ocorre nas suas vidas quando se deslocam para novas cidades para estudar. Assim, quando ingressam na faculdade e deixam de morar com a sua família de origem, enfrentam uma separação, em particular dos seus progenitores, o que permite mais facilmente omitir a estes a informação de que fazem trabalho sexual. O facto de não contarem sobre a realização de trabalho sexual funciona como uma estratégia para lidar com o estigma que lhe pode estar associado. Os participantes gerem, então, a informação que contam sobre si de modo a evitarem os processos de estigmatização (Goffman, 1963). Esta estratégia facilita o momento de tomada de decisão para iniciar trabalho sexual. O facto de os estudantes não partilharem a informação relativamente ao trabalho sexual com a sua família, seja pelo estigma que acreditam poder vir a sentir, pelo medo da incompreensão ou de quebrar relações, reforça a ideia de que a distância habitacional face ao seu agregado familiar pode facilitar na hora de decidir iniciar o trabalho sexual.

Ainda sobre as características dos participantes, falamos de estudantes universitários, o que, por si só, nos permite contrariar a ideia de que somente indivíduos com um baixo nível de escolaridade recorrem à indústria do sexo como forma de trabalho, tal como aparece em muitas das investigações, sobretudo se forem efetuadas junto de pessoas que fazem trabalho sexual de rua (Vanwesenbeeck, 2001). Os estudantes universitários, que procuram a forma que mais rapidamente lhes confira dinheiro na menor quantidade de tempo (Moffatt & Peters, 2004), recorrem também a esta forma de trabalho pelos diversos motivos já apresentados (*i.e.*, económicos, políticos ou relacionados com características das suas personalidades). Esta pluralidade de motivos aproxima-nos de uma explicação mais complexa sobre esta realidade e permite afastar-nos da explicação simplista de que quem faz trabalho sexual está estruturalmente determinado por fatores económicos, bem como pela falta de oportunidades de trabalho formal que, conseqüentemente, indica a falta de capacidade e poder de escolha.

Contudo, parece-nos também que uma das estratégias utilizadas para lidar com a pressão e o stresse que sentem se prende com a partilha de informação com amigos, pela possibilidade que os mesmos lhe garantem de poder falar e partilhar ideias sobre o assunto. E não só, falar sobre o tema parece-nos também, *per se*, uma estratégia que pode ajudar a reduzir o próprio estigma que está associado aos trabalhadores do sexo e à prática do trabalho sexual.

É de ressaltar ainda que o estigma, tão presente em quem faz trabalho sexual e que, aqui, também foi evidente em quem é simultaneamente estudante do ensino superior, fez-se notar na forma como muitos dos estudantes que contactamos recusaram participar na nossa investigação. Assim, dos 36 contactos que efetuamos com estudantes a quem apresentamos a nossa investigação, apenas 7 aceitaram participar, o que corresponde a uma taxa de participação de somente 19,44%. Apesar destes estudantes terem entendido os nossos objetivos, a sua não participação pode ser relacionada com o estigma que está associado à sua atividade laboral e ajudar-nos a compreender o seu comportamento de recusa. Na verdade, ao falarem sobre o trabalho sexual que desempenham, mesmo tendo sido assegurado o anonimato, estes estudantes iriam deixar clara essa associação que pretendem ocultar, e talvez por isso mesmo tenham recusado a participação.

A investigação levada a cabo permitiu-nos a possibilidade de termos entrado em contacto com uma população que até então se encontrava pouco, ou quase nada, estudada em Portugal. Para além disso, o conhecimento que esta população nos permitiu obter prende-se não só com as suas características específicas (*i.e.*, ser estudante e

trabalhador/a do sexo), mas também de forma mais generalizada com o ser trabalhador/a do sexo. Ainda que a quantidade de participantes seja reduzida e não seja representativa de toda a população, foi possível compreender algumas das questões que careciam de resposta, tal como os motivos para entrarem na indústria do sexo e os fatores de stresse que daí provêm, e contribuir para aumentar o corpo de conhecimentos que podem estimular mais investigação e intervenções futuras.

É importante ressaltar também que a própria técnica de recolha de dados utilizada parece bastante adequada aos objetivos propostos. Esta técnica permitiu que os participantes explorassem livremente a sua realidade, sem que fosse induzida alguma resposta e imposto algum constrangimento. Para além disso, como Crowhurst, Outshoorn e Skilbrei (2012) sugerem, as opiniões desta população não são tidas em conta quando se procuram estabelecer políticas na área do trabalho sexual. Neste seguimento, a utilização dos excertos das entrevistas na descrição e análise dos dados permitiu-nos aceder às vivências dos protagonistas, contornando esta lacuna e acedendo assim aos significados e perceções dos mesmo. Ao questionarmos diretamente aqueles que vivenciam esta realidade acabamos por originar uma fonte segura do conhecimento sobre estas experiências e podemos olhar para futuras políticas de forma distinta.

Com este estudo esperamos ter contribuído para um melhor conhecimento sobre estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual e designadamente para que estes/as possam saber desta realidade e possam ser respeitados/as pelos restantes elementos da sociedade. Para além disso, e como pretendemos analisar os fatores de stresse provenientes de ser estudante e trabalhador/a do sexo, esperamos que esta investigação seja promotora de intervenções no sentido da sua redução na vida desta população.

Ainda que este estudo contribua para o enriquecimento relativamente a estudantes que fazem trabalho sexual, é necessário refletir sobre as limitações que o mesmo apresenta. Em primeiro lugar, é fulcral ter em conta a dificuldade no contacto com a população com as características desejadas para o estudo. Essa dificuldade surgiu não só pela dificuldade em chegar aos potenciais participantes mas também da sua falta de colaboração. Em segundo lugar, podemos salientar o contacto único entre o investigador e os participantes, que, de forma geral, se reservou aos 45 minutos da entrevista, podendo ter condicionado a riqueza do conteúdo do diálogo.

Ao refletir sobre as narrativas dos participantes, torna-se evidente que existe um enorme desconhecimento relativamente a quem faz trabalho sexual e é estudante

universitário/a. Assim, torna-se importante que, no futuro, sejam estudadas as perspectivas da sociedade relativamente a esta população. Isto vai contribuir para um maior conhecimento acerca de quem se insere nesta realidade, mas também das perspectivas relativamente a estes/as. Este conhecimento poderá ainda resultar em meios para combater o preconceito, o estigma e toda a discriminação face a quem estuda e oferece serviços sexuais comerciais.

Referências Bibliográficas

- Abel, G. (2011). Different stage, different performance: The protective strategy of role play on emotional health in sex work. *Social Science & Medicine*, 72(7), 1177-1184. doi:10.1016/j.socscimed.2011.01.021
- Alberto, J. (2012). *Dos crimes sexuais: do crime de lenocínio em especial. O novo paradigma da criminalidade sexual*. (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal
- Arantes, D. (2013). *Estudantes do ensino superior na indústria do sexo: Um estudo exploratório realizado no Porto* (Tese de Mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70: Persona.
- Berg. (2001). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences* (4º ed.). California, Estados Unidos da América: A Pearson Education Company.
- Betzer, F., Köhler, S., & Schlemm, L. (2015). Sex Work Among Students of Higher Education: A Survey-Based, Cross-Sectional Study. *Archives of Sexual Behavior*, 44(3), 525-528. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-014-0476-y>
- Brandão, C. (2010). *O Desempenho Individual de dirigentes de topo da Administração Pública Portuguesa: um contributo para o desenvolvimento de uma taxionomia comportamental e motivacional*. (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- British Council. (2012). *The shape of things to come: higher education global trends and emerging opportunities to 2020*. Retrieved from <https://www.britishcouncil.org>
- Browne, J., & Minichiello, V. (1995). The social meanings behind male sex work: implications for sexual interactions. *British Journal of Sociology*, 46(4), 598-622. doi:10.2307/591574
- Church, S., Henderson, M., Barnard, M., & Hart, G. (2001). Violence by clients towards female prostitutes in different work settings: questionnaire survey. *BMJ*, 322(7285), 524-525. doi:10.1136/bmj.322.7285.524

Crowhurst, I., Outshoorn, J., & Skilbrei, M. (2012). Introduction: Prostitution Policies in Europe. *Sexuality Research and Social Policy*, 9(3), 187-191. doi:10.1007/s13178-012-0100-7

Decreto-Lei no 48/95 de 15 de março de 1982 do Ministério da Justiça. Diário da República: I série, No 63 (1995). Acedido a 23 de abr. 2018. Disponível em www.dre.pt

Decreto-Lei no 400/82 de 23 de setembro de 1982 do Ministério da Justiça. Diário da República: I série, No 221 (1982). Acedido a 23 de abr. 2018. Disponível em www.dre.pt

Duff, P., Sou, J., Chapman, J., Dobrer, S., Braschel, M., Goldenberg, S., & Shannon, K. (2017). Poor working conditions and work stress among Canadian sex workers. *Occupational Medicine*, 67(7), 515-521. <http://dx.doi.org/10.1093/occmed/kqx092>

Flowers, R. (2005). *The prostitution of women and girls*. Jefferson, N.C.: McFarland & Co.

Graça, M., & Gonçalves, M. (2016). Prostituição: Que Modelo Jurídico-Político para Portugal? *Dados*, 59(2), 449-480. doi:10.1590/00115258201683

Goffman, E. (1963). *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

Harcourt, C., & Donovan, B. (2005). The many faces of sex work. *Sexually Transmitted Infections*, 81(3), 201-206. doi:10.1136/sti.2004.012468

Hubbard, P., Matthews, R., & Scoular, J. (2008). Regulating sex work in the EU: prostitute women and the new spaces of exclusion. *Gender, Place & Culture*, 15(2), 137-152. doi:10.1080/09663690701863232

Jainl, R. (2011, 1 de dezembro). *College boys turn to sex for quick bucks*. *The Times of India*. Retrieved from <http://timesofindia.indiatimes.com/life-style/relationships/love-sex/College-boys-turn-to-sex-for-quick-bucks/articleshow/9567052.cms>

Jackson, L., Bennett, C., & Sowinski, B. (2007). Stress in the sex trade and beyond: Women working in the sex trade talk about the emotional stressors in their working and home lives. *Critical Public Health*, 17(3), 257-271. doi:10.1080/09581590701549535

- Kidd, S. A., & Kral, M. J. (2002). Suicide and prostitution among street youth: A qualitative analysis. *Adolescence*, 37, 411–430.
- Krumrei-Mancuso, E. (2016). Sex Work and Mental Health: A Study of Women in the Netherlands. *Arch Sex Behav*. doi:10.1007/s10508-016-0785-4
- Kurtz, S., Surratt, H., Kiley, M., & Inciardi, J. (2005). Barriers to Health and Social Services for Street-Based Sex Workers. *Journal of Health Care for The Poor and Underserved*, 16(2), 345-361. doi:10.1353/hpu.2005.0038
- Lantz, S. (2005). Students Working in the Melbourne Sex Industry: Education, Human Capital and the Changing Patterns of the Youth Labour Market. *Journal of Youth Studies*, 8(4), 385-401. doi:10.1080/13676260500431669
- Moffatt, P., & Peters, S. (2004). Pricing Personal Services: An Empirical Study of Earnings in the UK Prostitution Industry. *Scottish Journal of Political Economy*, 51(5), 675-690. doi:10.1111/j.0036-9292.2004.00327.x
- Nahra, C. (2005). *A morality for the third millennium (prostitution, homosexuality and sadomasochism in the light of Kant and Mill)*. (Tese de Doutoramento). University of Essex, England.
- Oliveira, A. (2002). *Da prostituição ao trabalho sexual: actrizes, práticas e contextos*. (Tese de Mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Oliveira, A. (2004). Prostituição, exclusão e violência. Estudo empírico da vitimação sobre prostitutas de rua. Comunicação apresentada no *II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural*, Centro Cultural de Paredes de Coura, Paredes de Coura, 28 a 30 de outubro.
- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajectórias, discursos e práticas*. Um estudo etnográfico. (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Oliveira, A. (2011). *Andar na Vida - Prostituição de Rua e Reacção Social*. Coimbra: Edições Almedina.

- Oliveira, A. & Fernandes, L. (2017). Trabajadores del sexo y salud pública: intersecciones, vulnerabilidades y resistencia. *Salud Colectiva*, 13(2). 199-210. doi: 10.18294/sc.2016.1205
- Oliveira, A. (2018). Same work different oppression: Stigma and its consequences on male and transgender sex workers in Portugal. *International Journal of Iberian Studies*, 31, 1, 11-26. doi: 10.1386/ijis.31.1.11_1
- Patel, V., & Kleinman, A. (2003). Poverty and common mental disorders in developing countries. *Bulletin of the World Health Organization*, 81(8), 609–615
- Phoenix, J. (2000). Prostitute identities. Men, money and violence. *British Journal of Criminology*, 40, 37-55.
- Puri, N., Shannon, K., Nguyen, P., & Goldenberg, S. (2017). Burden and correlates of mental health diagnoses among sex workers in an urban setting. *BMC Women's Health*, 17(1). <http://dx.doi.org/10.1186/s12905-017-0491-y>
- Ribeiro, M., Silva, M.C., Schouten, J., Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2008). *Vidas na raia. Prostituição feminina em regiões de fronteira*. Porto: Edições Afrontamento.
- Roberts, R., Golding J. Towell, T., Reid, S., Woodford, S. (2000). Mental and physical health in students: The role of economic circumstances. *British Journal of Health Psychology*, 5(3), 289-297. doi:10.1348/135910700168928
- Roberts, R., Bergström, S., & La Rooy, D. (2007). UK students and sex work: current knowledge and research issues. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17(2), 141-146. doi:10.1002/casp.908
- Roberts, R., Jones, A. & Sanders, T. (2013) The relationship between sex work and students in the UK: Providers and Purchasers. *Sex Education*, 13(3), 349-363. doi:10.1080/14681811.2012.744304
- Roberts, R., Sanders, T., Myers, E., & Smith, D. (2010). Participation in sex work: students' views. *Sex Education*, 10(2), 145-156. doi:10.1080/14681811003666507
- Ross, M., Crisp, B., Månsson, S., & Hawkes, S. (2011). Occupational health and safety among commercial sex workers. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 38(2), 105-119. doi:10.5271/sjweh.3184

Rössler, W., Koch, U., Lauber, C., Hass, A., Altwegg, M., Ajdacic-Gross, V.,... Landolt, K. (2010). The mental health of female sex workers. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 122(2), 143-152. doi:10.1111/j.1600-0447.2009.01533.x

Sampieri, R. H., Collado, C. H., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGrawHill.

Sanders, T. (2004). A continuum of risk? The management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of Health and Illness*, 26(5), 557–574. doi:10.1111/j.0141-9889.2004.00405.x

Sanders, T. (2005). *Sex work. A risky business*. Devon: Willan Publishing.

Sagar, T., Jones, D., Symons, K., Tyrie, J., & Roberts, R. (2016). Student involvement in the UK sex industry: motivations and experiences. *The British Journal of Sociology*, 67(4), 697-718. doi:10.1111/1468-4446.12216

Sherwood, J. A., Grosso, A., Decker, M. R., Peitzmeier, S., Papworth, E., Diouf, D.,...Baral, S. (2015). Sexual violence against female sex workers in The Gambia: a cross-sectional examination of the associations between victimization and reproductive, sexual and mental health. *BMC Public Health*, 15, 270. doi:10.1186/s12889-015-1583-y.

Suresh, G., Furr, L., & Srikrishnan, A. (2009). An assessment of the mental health of street based sex workers in Chennai, India. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 25, 186–201. doi:10.1177/1043986209333590.

Teixeira, A. & Oliveira, A. (2017). Exploratory study on the prevalence of suicidal behavior, mental health, and social support in female street sex workers in Porto, Portugal. *Health Care for women international*, 38 (2). 159-166. doi:10.1080/07399332.2016.1192172

Vanwesenbeeck, I. (2001). Another decade of social scientific work on sex work: A review of research 1990–2000. *Annual Review of Sex Research*, 12, 242–290. doi:10.1080/10532528.2001.10559799

Vanwesenbeeck, I. (2005). Burnout among female indoor sex workers. *Archives of Sexual Behavior*, 34(6), 627-639. doi:10.1007/s10508-005-7912-y

Villela, W., & Monteiro, S. (2015). Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/AIDS entre mulheres. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(3), 531-540. doi:10.5123/s1679-49742015000300019

Weiner, A. (1996). Understanding the Social Needs of Streetwalking Prostitutes. *Social Work*, 41(1), 97-105. doi:10.1093/sw/41.1.97

Yi, H., Zheng, T., Wan, Y., Mantell, J., Park, M., & Csete, J. (2012). Occupational safety and HIV risk among female sex workers in China: A mixed-methods analysis of sex-work harms and mummies. *Global Public Health*, 7(8), 840-855. doi:10.1080/17441692.2012.662991

Yin, R. (2010). *Case Study Research: Design and Methods* (Vol. 5). Londres: Sage.

Zhang, C., Hong, Y., Li, X., Qiao, S., Zhou, Y., & Su, S. (2015). Psychological Stressors in the Context of Commercial Sex Among Female Sex Workers in China. *Health Care For Women International*, 36(7), 753-767. doi:0.1080/07399332.2013.838247

Anexos

Anexo A: Dados biográficos dos participantes

Participante 1 [P1] – participante com 21 anos de idade, de nacionalidade portuguesa, bissexual, identificava-se como não-binária, preferindo a utilização de um pronome feminino. A participante era estudante universitária tendo sido anteriormente trabalhadora do sexo em simultâneo. Não é natural do sul de Portugal, mas é nesta região que desenvolvia a atividade na indústria do sexo. Estava inserida num nível socioeconómico médio. Não tinha um relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista, mas tinha um relacionamento amoroso no momento em que realizava as duas atividades em simultâneo. Posicionava-se na indústria do sexo como praticante de BDSM, tendo sido a sua antiguidade na indústria de aproximadamente quatro semanas.

Participante 2 [P2] – participante com 27 anos de idade, de nacionalidade italiana, homossexual, identificava-se como não-binário, preferindo a utilização de um pronome masculino. Vive atualmente fora de Portugal, desenvolvendo as duas atividades, mas foi no sul de Portugal que começou a ser estudante universitário e trabalhador do sexo em simultâneo. Estava inserido num nível socioeconómico baixo. Não tinha um relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista. Posicionava-se na indústria do sexo como massagista erótico, sendo a sua antiguidade na indústria de aproximadamente um ano.

Participante 3 [P3] – participante com 22 anos de idade, de nacionalidade brasileira, homossexual, identificando-se como um homem cis. Apesar de não ter iniciado o trabalho sexual no sul de Portugal é nesta região que tem vindo a desenvolver os seus estudos e desenvolve a atividade na indústria do sexo. Estava inserido num nível socioeconómico médio-baixo. Não tinha um relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista. Posicionava-se na indústria do sexo como prostituto de interior, sendo a sua antiguidade na indústria de aproximadamente cinco anos.

Participante 4 [P4] – participante com 23 anos de idade, de nacionalidade portuguesa, bissexual, identificando-se como uma mulher cis. Não é natural do sul de Portugal, mas é nesta região que desenvolve os seus estudos e a atividade na indústria do sexo. Estava inserida num nível socioeconómico médio-alto. Não tinha um relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista. Posicionava-se na indústria do sexo como

acompanhante de luxo, sendo a sua antiguidade na indústria de aproximadamente um ano e seis meses.

Participante 5 [P5] – participante com 31 anos de idade, de nacionalidade brasileira, homossexual, identificando-se como um homem cis. Apesar de não revelar a região onde vivia e estudava, foi possível compreender que essa região não era a mesma onde desenvolvia o trabalho sexual. Estava inserido num nível socioeconómico médio-alto. Tinha um relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista. Posicionava-se na indústria do sexo como acompanhante de luxo, sendo a sua antiguidade na indústria de aproximadamente três meses.

Participante 6 [P6] – participante com 56 anos de idade, de nacionalidade brasileira, heterossexual, identificando-se como uma mulher transgénero. A participante fazia trabalho sexual, tendo sido anteriormente estudante universitária em simultâneo. Realizou os seus estudos e a atividade na indústria do sexo no Brasil e continua a desenvolver trabalho sexual no norte de Portugal. Estava inserida num nível socioeconómico médio-alto. Não tinha um relacionamento amoroso no momento da entrevista. Posicionava-se na indústria do sexo como acompanhante de luxo, sendo a sua antiguidade na indústria de aproximadamente 42 anos.

Participante 7 [P7] – participante com 23 anos de idade, de nacionalidade portuguesa, homossexual, identificando-se como um homem cis. Não é natural do norte de Portugal, mas é nesta região que desenvolve os seus estudos e a atividade na indústria do sexo. Estava inserido num nível socioeconómico médio-alto. Não tinha um relacionamento amoroso no momento de realização da entrevista. Posicionava-se na indústria do sexo como acompanhante de luxo, sendo a sua antiguidade na indústria de aproximadamente um ano.

Anexo B. Guião de entrevista

1ª Parte

Bom dia/ boa tarde/ boa noite,

Como já referido no pedido realizado, o estudo que estou a desenvolver procura, de forma geral, perceber a realidade dos/as estudantes universitários/as que estão simultaneamente a trabalhar na indústria do sexo. A literatura tem referido que são diversos os fatores que motivam os/as estudantes universitários/as a entrarem nesta indústria. Esse envolvimento acarreta consigo diversos constrangimentos, desafios e estigmas. Este estudo procura perceber como é que se vivencia a realidade de ser estudante universitário/a e comercializar o sexo ao mesmo tempo. É por esta razão, e por se enquadrar com as características necessárias, que lhe pedi que agendássemos esta entrevista.

De forma a que possa validar a informação que foi recolhida, para que seja possível garantir uma maior qualidade a esta investigação, solicito-lhe a sua autorização para proceder à gravação da entrevista, para uma posterior transcrição. Para além disso, gostaria de me disponibilizar para devolver-lhe os resultados finais desta dissertação, se assim for a sua vontade.

Parte 2

QI1: Quais são as características sociodemográficas dos/das estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual?

- a) Qual é a sua idade?
- b) Com que género se identifica?
- c) Qual a sua orientação sexual?
- d) Em que cidade estuda?
- e) E vive na mesma cidade?
- f) Tem algum/a companheiro/a, namorado/a no momento?
- g) Como classifica o seu nível socioeconómico?
- h) Que tipo de trabalho desempenha nesta atividade?
- i) Há quanto tempo começou a trabalhar na indústria do sexo?

QI2: Quais os fatores que motivam a entrada e a permanência dos/das estudantes universitários/as na indústria do sexo?

- a) O que o/a levou a iniciar esta atividade?
- b) Qual o motivo para ter optado por esta atividade e não outra?
- c) Considera que existem vantagens e desvantagens em ter estado/permanecer nesta atividade? Se sim, quais?
- d) Como soube o que fazer para trabalhar nesta atividade?
- e) Conhecia alguém que já o fazia e que o/a ajudou?
- f) (Se estiver atualmente na indústria) Quais os motivos para continuar a exercer esta atividade?

QI3: Quais são e como são geridos os fatores de stresse provenientes de ser simultaneamente estudante universitário/a e trabalhador/a do sexo?

- a) Considera que existem fatores de stresse associados ao facto de ser estudante universitário/a? Qual/quais?
- b) Considera que existem fatores de stresse associados ao facto realizar esta atividade? Qual/quais?
- c) O facto de realizar simultaneamente estas duas atividades provoca-lhe algum stresse? Em que medida? Considera que isso possa ter algum lado positivo?
 - o Se sim, como é encarado por si esse stresse existente?
- d) Como é feita por si a gestão do tempo entre estas duas atividades e outras atividades da sua vida?

QI4: Como é a partilha de informação com amigos e família por parte dos/as estudantes universitários/as que fazem trabalho sexual?

- a) Alguém das suas relações familiar, amorosa ou de amizade sabe que tem este trabalho? Se sim:
 - o Quem?
 - o O que o/a levou a contar?
 - o Como foi a reação da outra pessoa?

- Sente que o facto de ter contado condicionou a relação que tinha com essa pessoa?
- Considera que depois disso começou a ser discriminado/a ou estigmatizado/a?
- Arrependeu-se de contar?

b) Se não:

- Já pensou em contar?
- Qual/quais o(s) motivo(s) para não ter contado?
- Considera que isso vai modificar a relação com a pessoa?

QI5: Quais os significados atribuídos por estes/as estudantes a essa experiência vivenciada?

- a) O que significa para si ser/ter sido trabalhador(a) nesta atividade?
- b) Considera ser/ter sido difícil estar envolvido/a na indústria do sexo?
- c) Existiram para si perigos em estar envolvido/a nesta atividade? Se sim, quais?
- d) Considera que foi alvo de alguma agressão física e/ou sexual? Porquê?
- e) E relativamente ao seu bem-estar psicológico, considera que, de alguma forma, foi afetado?
- f) Se pudesse voltar atrás, teria tomado a mesma decisão em envolver-se nesta atividade? Porquê?
- g) Quando terminar o curso e olhar para trás, de que forma acredita que vai ver esta experiência na sua vida?
- h) Imagina-se a continuar a realizar esta atividade no futuro? Porquê?

3ªParte

Da minha parte, tenho todos os elementos necessários para fazer o tratamento dos dados. Mais uma vez agradeço-lhe a sua disponibilidade e motivação para falar sobre este tema.

Como referido anteriormente, estou disponível para enviar-lhe o resultado final da dissertação para uma possível análise do estudo, se esse for o seu interesse. Mais uma vez obrigado e até à próxima.

Anexo C. Texto publicado nas redes sociais

Estou a realizar um trabalho de mestrado, sob a orientação da professora Alexandra Oliveira, que tem como objetivo compreender o envolvimento de estudantes universitários na indústria do sexo, designadamente as suas motivações, relações com os outros, vantagens e desvantagens associadas. Se alguém quiser/puder colaborar, porque é (ou já foi) simultaneamente estudante universitário/a e trabalhador/a do sexo, ficaríamos agradecidos. Também agradecemos se conhecer/es alguém nesta situação a quem possa/s divulgar o estudo.

Esta investigação está a ser feita no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e estamos a ter em conta todos os cuidados éticos inerentes a uma pesquisa desta natureza, designadamente a garantia de anonimato.

Caso pretenda/s obter informações adicionais sobre este estudo poderá/s entrar em contacto comigo ou com a professora Alexandra Oliveira.

Obrigado.

Anexo D. Texto para contacto com os participantes

Boa tarde, estou a falar com [nome do/da participante]? Estou a ligar no seguimento de um anúncio que vi no [nome do local onde foi visto o anúncio]. No anúncio referia que eras estudante, isto confirma-se? [resposta positiva] Sem querer roubar muito do teu tempo, o meu nome é Fábio e sou estudante de Psicologia da Universidade do Porto e estou neste momento a escrever a minha tese de mestrado que é sobre estudantes universitários/as que fazem simultaneamente algum trabalho na indústria do sexo. O objetivo principal desta investigação é conhecer esta população, tentar perceber quais os motivos que levam a realizar esta atividade, perceber como o que é ser universitário e o que é ser trabalhador nesta indústria, perceber como são as relações com as outras pessoas e perceber também que impacto é que este acontecimento tem na vida das pessoas e quais as suas perspetivas em relação a isso. Acho que isto é um tema bastante importante de ser abordado porque é uma realidade que existe em Portugal e no mundo, ainda que seja um assunto muito tabo e as pessoas, geralmente, apresentem alguma resistência a falar sobre isto. Neste seguimento, gostava de perceber se estarias disponível a participar neste estudo, salvaguardando que todas as questões do anonimato serão asseguradas e que não é necessário existir um contacto presencial. O objetivo é realizar entrevistas, em que eu faço algumas perguntas às pessoas relativamente aos aspetos que já te referi anteriormente e a pessoa responde unicamente aquilo que se sentir à vontade para responder. Este contacto pode ser por chamada de *Skype*, de *Facebook*, videochamada ou até mesmo presencialmente, num dia a combinar entre ambos.

Anexo E: Pedido de Colaboração

O meu nome é Fábio Santos e sou estudante do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Neste momento, sob a orientação da professora Alexandra Oliveira, encontro-me a desenvolver uma investigação que tem como objetivo conhecer estudantes universitários que estão ligados ao comércio do sexo, ao nível das suas motivações e preocupações, bem como de eventuais implicações de estar ligado a essa atividade.

A entrada de estudantes na indústria do sexo é uma realidade global. Embora existam algumas investigações internacionais, em Portugal este assunto está praticamente por estudar. Assim, considero importante conhecer esta realidade, ouvindo as pessoas envolvidas, para compreender as suas motivações e problemas, de forma a desconstruir o tabu que existe à sua volta. Ao mesmo tempo, considero que este estudo pode dar um contributo para combater o estigma e o preconceito existentes e para que os estudantes envolvidos no comércio do sexo sejam respeitados, se possam sentir dignos e que não tenham que sentir a necessidade de viver numa sombra, como muitas vezes sentem. É neste aspeto que acho que o seu contributo é essencial e, por isso, solicito a sua colaboração.

Se aceitar colaborar no meu estudo, quero deixar claro que o/a respeitarei e que o anonimato e a confidencialidade serão assegurados. Para além disso, sendo a sua participação voluntária, responderá apenas às perguntas que desejar, podendo desistir a qualquer momento, sem que isso tenha qualquer implicação para si. Coloco-me, também, à disposição para esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir antes, durante ou posteriormente à entrevista, bem como para disponibilizar o meu relatório final ou as conclusões que tirarei do meu estudo. Deixo os meus contactos para o efeito, bem como o meu sincero obrigado pela sua disponibilidade: fabiodosantoss94@gmail.com , [nº de telemóvel].

Fábio Santos

(fabiodosantoss94@gmail.com | up201305033@fpce.up.pt)

Anexo F. Sistema de Categorias

Caraterísticas sociodemográficas dos participantes:

1. Género
2. Idade
3. Nível socioeconómico
4. Orientação sexual
5. Relacionamentos amorosos
6. Naturalidade
7. Local de trabalho e estudos

Caraterísticas sociodemográficas dos estudantes que publicam anúncios:

8. Idade
9. Género
10. Género dos clientes
11. Área geográfica de atendimento
12. Nacionalidade

Caraterísticas relativas ao trabalho na indústria do sexo:

13. Antiguidade na indústria
14. Tipo de atividade desempenhada

Motivações dos estudantes para iniciar trabalho sexual

15. Forma de entrada
 - a. Autonomamente
 - b. Com a ajuda de outras pessoas

16. Motivos para iniciar trabalho sexual
 - a. Económicos
 - i. Independência financeira
 - ii. Qualidade de vida
 - iii. Rapidez na obtenção de dinheiro
 - iv. Falta de oportunidades de trabalho formal
 - b. Flexibilidade de horário
 - i. Menor quantidade de horas trabalhadas
 - ii. Mais tempo para outras atividades
 - c. Caraterísticas dos participantes
 - i. Curiosidade
 - ii. Gosto por sexo
 - d. Expressão política e artística

17. Motivos para continuar com o trabalho sexual
 - a. Económicos
 - i. Quantidade elevada de dinheiro
 - ii. Independência financeira

- iii. Elevada qualidade de vida
- iv. Possibilidade de ajudar a família
- b. Flexibilidade de horário
- c. Gostar da atividade
 - i. De forma independente
 - ii. Relacionado com o dinheiro

18. Vantagens

- a. Dinheiro
- b. Flexibilidade
- c. Desenvolvimento da capacidade de ser corajoso
- d. Contacto com diversos clientes
- e. Específica da área de atuação

19. Desvantagens

- a. Disponibilidade emocional que o trabalho sexual exige
- b. Necessidade de ter uma vida dupla
- c. Competitividade
- d. Falta de identificação com certos aspetos do trabalho
- e. Mal-estar psicológico
- f. Diversidade de parceiros sexuais
- g. Riscos/Perigos
 - i. Contração de infeções sexualmente transmissíveis
 - ii. Suscetibilidade a violência física e psicológica
 - iii. Perda de confiança nas pessoas
 - iv. *Stalking*
 - v. Perda de controlo das situações
 - vi. Quebras de humor

20. Dificuldades relacionadas com o trabalho sexual

- a. Angariação de clientes
 - i. Tempo despendido na procura dos clientes
 - ii. Negociação de preços
- b. Falta de desejo sexual pelo cliente
- c. Necessidade em assegurar a qualidade no serviço prestado
- d. Tratamento semelhante para os clientes
- e. Específica da atividade realizada

Fatores de stress em ser estudante universitário e comercializar o sexo

21. Fatores de stresse em ser estudante universitário/a

- a. Dedicção exigida pela universidade
- b. Competição entre alunos
- c. Performance académica
- d. Medo face à precariedade do futuro
- e. Pagamento de propinas

- 22. Fatores de stresse em ser trabalhador/a do sexo
 - a. Disponibilidade emocional que o trabalho exige
 - b. Tempo gasto na angariação de clientes
 - i. Tempo despendido na negociação de preços
 - ii. Tempo despendido na procura de clientes
 - c. Falta de desejo sexual pelos clientes
 - d. Diversidade de parceiros sexuais
 - e. Obrigatoriedade em assegurar a igualdade de tratamento aos clientes
 - f. Necessidade de uma vida dupla e medo da exposição social

- 23. Fatores de stresse em realizar amas as atividades em simultâneo
 - a. Dificuldades na gestão do tempo
 - b. Desgaste físico e emocional
 - c. Dificuldade em organizar o tempo para o desempenho de atividades de lazer

- 24. Estratégia de *coping*: delimitação do papel profissional e do papel pessoal

- 25. Perceção face ao stresse
 - a. Positiva
 - i. Aumento da rapidez e do investimento que são atribuídos a cada atividade
 - ii. Contacto com diferentes clientes com estatutos sociais diversificados
 - b. Negativa
 - i. Saúde mais debilitada

As relações interpessoais de estudantes que comercializam o sexo

- 26. Motivos para contar
 - a. Transparência
 - b. Desconstrução da imagem negativa que a sociedade tem face ao trabalho sexual
 - c. Redução do estigma social

- 27. Reação social face à partilha
 - a. Positiva
 - i. Apoio
 - ii. Preocupação com o bem-estar físico e psicológico do indivíduo
 - b. Negativa
 - i. Criação de estereótipos
 - c. Neutra
 - i. Curiosidade

- 28. Sentimentos face à partilha

29. Motivos para não contar
 - a. Medo de quebrar relações
 - b. Competição profissional
 - c. Medo da incompreensão
 - i. Falta de identificação com valores familiares
 - ii. Possibilidade de criação de uma imagem irrealista sobre o participante
 - iii. Medo de quebrar relações
 - iv. Evitar conflitos

30. Motivos que permitem a existência de relações amorosas
 - a. Cumprimentos de acordos
 - b. Sinceridade
 - c. Comunicação entre o casal

31. Motivos que não permitem a existência de relações amorosas
 - a. Perceção de monogamia nas relações
 - b. Perceção de intimidade que o trabalho implica

Significados e perspetivas face ao futuro

32. Significados
 - a. Filosofia *sex positive*
 - b. Negativo
 - c. Positivo
 - d. Normalidade
 - e. Meio para atingir um fim

33. Perspetivas face ao futuro
 - a. Continuar
 - b. Sair
 - c. Incerteza

Entre a Universidade e a

Indústria do Sexo: estudo

Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação

exploratório com universitários

no trabalho sexual trabalho

sexual

Fábio Leonel Couto dos Santos